



# Sindjus

Filiado à CUT/FENAJUFF

Impresso  
Especial

1000014610-DR/BSB  
Sindjus-DF

/// CORREIOS ///

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário  
e do Ministério Público da União no DF

Ano XVI - nº 52  
Outubro de 2008



Mobilização:  
caminho para o  
**sucesso**

# Independência ou vida!

TT CATALÃO

Ouviram do batuque às margens da Esplanada. A festa da Cultura Popular no último 7 de setembro nos devolveu a legitimidade do sentimento patriótico sem o aspecto dos combates militares. Uma pátria, ou a pátria com cheiro de suor, festa, trabalho e celebração de sons e imagens, com participação direta dos comuns que fazem a pátria cotidiana reveladora desse inesgotável projeto universal com o nome Brasil.

Uma festa para mostrar que pátria não é só o conquistar de fronteiras (embora manter a soberania do solo seja fundamental); não é só o conjunto das normas de segurança (embora a disciplina e o respeito à lei sejam básicos para a convivência coletiva). A pátria ampla, geral e irrestrita desse 7 de setembro de 2008 mostrou que lutamos e temos chances de vitória contra "inimigos" sutis na dependência que anula a autoestima das nações: o achatamento globalizado das culturas. Ao proclamarmos a diversidade cultural brasileira nessa mestiçagem cívica, fizemos uma independência pela vida de uma utopia sem autópsias.

No próximo 15 de novembro acontece, aqui em Brasília, o encerramento do Terceiro Encontro Nacional de Pontos de Cultura (já são 820 em todo o país). O evento, chamado Teia, programou uma Re-Proclamação da República pela Cultura, com um cortejo pela Esplanada e um abraço na Praça dos Três Poderes. Enfim a cidadania é celebrada nas festas cívicas!



# Quer um novo Plano de Carreira?

## FILIE-SE AO SINDJUS!

Se quer estar perto de alguém que luta em seu nome e, lhe dá a assessoria que você precisar e ainda oferece grandes festas para comemorar nossas vitórias, você tem que fazer como eu e se filiar ao Sindjus.

**Sebastião P. Santos**  
MPU



**SINDJUS**

CAMPANHA DE FILIAÇÃO 2008

# Quer um novo Plano de Carreira?

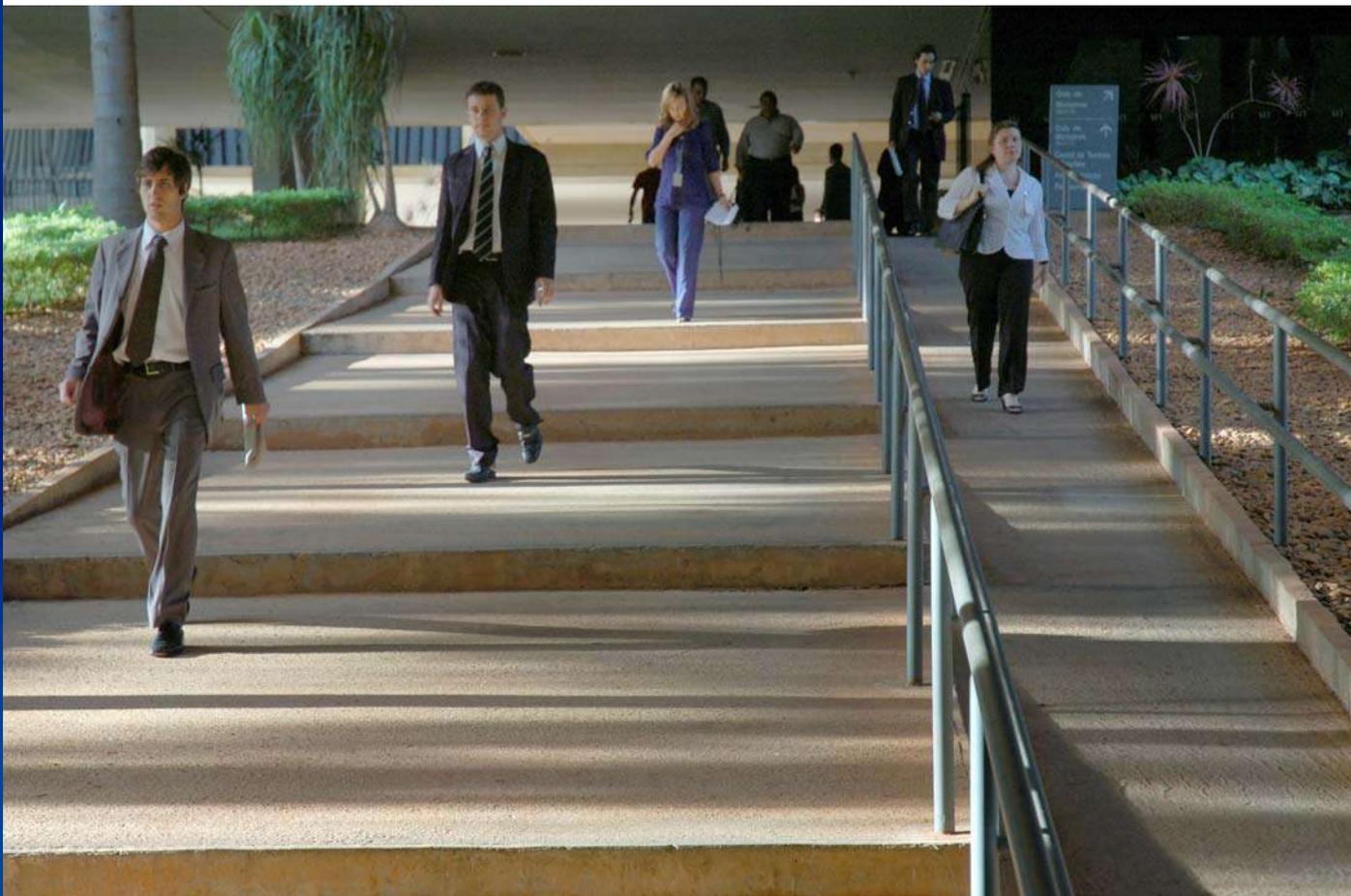
## **FILIE-SE AO SINDJUS!**

Depois de mais de 11 anos de filiação, posso dizer que o Sindjus vai muito além das conquistas coletivas . Se você se filiar, terá uma equipe jurídica de qualidade ao seu lado em todos os momentos.

**Angela Paes**  
TRF



CAMPANHA DE FILIAÇÃO 2008



ARTHUR MONTEIRO

AO LEITOR

# A união como fator decisivo



**Roberto Policarpo**  
Coordenador-geral  
do Sindjus

A nossa vida se compõe de muitas marchas. É natural do ser humano caminhar olhando para frente, em busca de seus sonhos e de dias melhores. Agora mesmo iniciamos uma grande marcha rumo à construção, aprovação e viabilização de um Plano de Carreira que contemple as nossas reivindicações e nos insira, de forma adequada, no processo de modernização do Poder Judiciário e do Ministério Público. Em paralelo a essa marcha, que precisa contar com a participação de todos, caminhamos

na luta pela efetivação da licença maternidade de seis meses e pela ratificação da Convenção 151.

Desde já começamos a nos preparar para uma grande marcha, que vai abraçar muitos de nossos interesses e também dos que estão relacionados ao desenvolvimento do Brasil. É a V Marcha Nacional da Classe Trabalhadora, promo-

vida pela CUT, que acontecerá no início de dezembro. Assim como nos outros anos, somos convidados a empunhar nossas bandeiras e a nos somar a muitos outros trabalhadores. A união é, a cada dia, um fator mais decisivo para o fortalecimento da nossa luta junto aos poderes Legislativo e Executivo, responsáveis por analisar e aprovar nossas demandas. Portanto, vivemos um momento muito importante, onde a união será a palavra de ordem dentro da nossa categoria e na classe trabalhadora em geral.

O apoio da CUT será de grande valia para a sensibilização dos congressistas em relação ao nosso Plano de Carreira. Afinal, a marcha se propõe a mobilizar, a pressionar e a negociar em prol de uma agenda que contemple nossos interesses. Não podemos esquecer que uma intensa luta, em razão da aprovação da nossa carreira, nos espera no Congresso. Estamos chegando à reta final de 2008 e é fundamental que cheguemos, mais do que nunca, unidos. As estradas e as portas de 2009 começam a ser sedimentadas e abertas agora. Daí a importância de atendermos ao chamado e marcharmos juntos.

**Começamos a nos preparar para uma grande marcha: a V Marcha Nacional da Classe Trabalhadora, promovida pela CUT. Ela se propõe a mobilizar, pressionar e negociar em prol de uma agenda que contemple nossos interesses.**

### O meu futuro

Sem dúvida, o Plano de Carreira deve fazer parte do nosso dia-a-dia. Eu participei dos seminários e respondi ao questionário sobre a atribuição. Quero estar presente em todos os momentos da construção dessa carreira, que é a minha vida, o meu futuro.

**Carlos Henrique – TSE**

### Crescer na carreira

Respondendo à capa da última edição, eu quero a minha carreira fortalecida e valorizada. Quero ter uma remuneração justa, mas também quero ter meios de crescer dentro da carreira. Quero poder olhar para o meu filho e dizer, com muito orgulho, que eu sou servidor de carreira do Judiciário e que se ele quiser trilhar o meu caminho, terá todo o meu apoio.

**Fernando Soares - STJ**

### Planejamento

Muito esclarecedora a entrevista sobre planejamento com o especialista em políticas públicas Gilberto Guerzoni Filho. É triste ver que ainda falta muito para o serviço público brasileiro, em geral, conquistar carreiras fortes. No entanto, é gratificante saber que nós, servidores do Judiciário, estamos no caminho certo. No caminho da profissionalização, da valorização.

**Eugênia Canto - TJDF**

### Patriotismo

Eu sou brasileiro e não desisto nunca. A matéria sobre a identificação cotidiana dos brasileiros com sua pátria, por meio de símbolos nacionais, é um convite à reflexão. Acho difícil encontrar outro país com um ufanismo tão à flor da pele como o nosso. É uma pena que muitos daqueles que estão no comando desta Pátria prefiram empunhar a bandeira do patriotismo próprio.

**Ricardo Sousa – MPDFT**

### Valorização

É importante que os servidores compreendam que a atualização salarial não é o bastante para garantir a nossa valorização. Precisamos de outros instrumentos. Não podemos ficar de braços cruzados enquanto carreiras de ponta do Executivo e do Legislativo se organizam e se fortalecem. Nós não podemos ficar para trás.

**Rosana Alves - TST**

### Roteiro das Artes

A revista acertou em cheio com a publicação da seção Roteiro das Artes. A edição passada, falando de Di Cavalcanti, além de didática foi motivadora. Eu não sabia que a via-sacra da Catedral de Brasília era obra dele. Fui ver de perto, levei meus filhos e valeu muito a pena. Espero que as dicas culturais continuem.

**Fátima Duarte - PGR**

### Corrida do Judiciário

Eu fui um dos 340 corredores da edição 2007 da Corrida do Judiciário. Não cheguei entre os primeiros, mas foi muito gratificante correr pelas ruas de Brasília ao lado de colegas de trabalho. Foi a primeira vez que participei e espero estar presente em todas as edições. Ao somarmos a beleza da capital com atividade física temos um resultado extremamente saudável.

**Edson Lima – STJ**

### Olimpíadas Sindjus

Recebi a notícia sobre as Olimpíadas do Sindjus com muito otimismo. Pratico vôlei quase todo final de semana, além de natação. Gosto muito de esporte. Assistindo pela televisão os jogos de Pequim, fiquei com muita vontade de estar lá, participando. E não é que agora vou poder participar de uma Olimpíada? Espero que muita gente entre nessa onda e a gente possa fazer um evento nota 10.

**Cláudia Santana – TJDF**

### Mergulho nos livros

Educação não é só alfabetizar. Educação é impulsionar o gosto pela leitura. É motivar o mergulho no mundo dos livros. Só seremos um país desenvolvido, de verdade, depois que elevarmos a média vergonhosa de que cada brasileiro lê apenas um ou dois livros por ano. Faço faculdade de letras e espero poder contribuir para o aumento dessa média. Ah! Parabéns, Sindjus, pela parceria cultural com o T-Bone.

**Carlos Augusto – TRF**

**PARTICIPE!**  
Envie seus  
comentários ou  
sugestões de  
pauta para  
[cartas@sindjusdf.org.br](mailto:cartas@sindjusdf.org.br)



CAPA: FOTO DE ARTHUR MONTEIRO

## Revista do Sindjus

### Coordenação editorial

TT Catalão - Reg. Prof. 685-DF

### Edição

Usha Velasco

### Reportagem e redação

Daniel Campos

Thais Assunção

### Revisão

Patcha Comunicação

### Projeto gráfico e arte

Usha Velasco

### Tiragem

12.000 exemplares

## Sindjus

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do MPU no DF

**SDS, Ed. Venâncio V, Bl. R, s. 108 a 114**

**CEP 70393-900 - Brasília-DF**

**PABX (61) 3224-9392**

**www.sindjusdf.org.br**

### Coordenadores-gerais

Ana Paula Barbosa Cusinato (MPDFT)

Roberto Policarpo Fagundes (TRT)

Wilson Batista de Araújo (TRE/DF)

### Coordenadores de

#### Administração e Finanças

Berilo José Leão Neto (STJ)

Cledo de Oliveira Vieira (TRT)

Jailton Manguiera de Assis (TJDF)

### Coordenadores de Assuntos

#### Jurídicos e Trabalhistas

Eliza de Souza Santos Ávila (STF)

José de Oliveira Silva (TJDF)

Newton José Cunha Brum (TST)

### Coordenação de Formação

#### e Relações Sindicais

Carlos Alberto de Araújo Costa (TJDF)

Eliane do Socorro Alves da Silva (TRF)

Raimundo Nonato da Silva (STM)

### Coordenadores de Comunicação, Cultura e Lazer

Orlando Noleto Costa (TSE)

Sheila Tinoco Oliveira Fonseca (TJDF)

Valdir Nunes Ferreira (MPF)

# Vai nascer uma nova UnB

No momento em que se encerrava a consulta à comunidade universitária para a reitoria da UnB, na qual obtivemos uma expressiva vitória com 51,61% dos votos paritários de estudantes, servidores técnico-administrativos e professores, é preciso destacar a confiança recebida na escolha do nosso projeto de universidade, após o amplo debate democrático proporcionado pelas eleições.

Importante também salientar o desempenho dos candidatos participantes do pleito, especialmente os que souberam preservar a identidade de suas proposições e a autenticidade de seus projetos e que ofereceram à comunidade universitária alternativas concretas para a superação da crise em que se viu lançada a nossa instituição.

Agora, comprometidos com uma gestão compartilhada da universidade, pretendemos realizar um diálogo permanente com os estudantes, professores e servidores, de modo a garantir a excelência na produção dos saberes acadêmicos, a responsabilidade social, a agenda ambiental na administração pública dos *campi*, tendo como eixo transversal a ética e o respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais.

**Aos estudantes, cujo grito** de campanha tem sido justamente o que dá título a este texto – *Vai Nascer uma Nova UnB!* – é preciso reconhecer sua coragem e ousadia diante das irregularidades administrativas existentes na UnB e a afirmação e defesa da educação superior como bem público, implementada com regras democráticas e participativas. Os estudantes mais prontamente souberam se colocar em oposição ao desvio de objetivos de uma gestão que perdeu a dimensão da política e se isolou num burocratismo sem finalidade. Foram eles os principais responsáveis pelo reencantamento do projeto acadêmico da UnB, num idealismo desinteressado, pronto a resgatar a utopia de um conhecimento humanizado, apto a realizar a ciência com consciência. Os servidores técnico-administrativos merecem solidariedade com o aprimoramento da carreira como instrumento de gestão e o compromisso com uma política de valorização permanente, para que cada vez mais assumam o exercício responsável de suas atribuições administrativas e

gerenciais. E os professores, mais que nunca devem responder à confiança de que podem, efetivamente, construir uma universidade aberta à interlocução entre a cultura científica e a cultura das humanidades e das artes, orientadas por uma política pedagógica pautada no diálogo criativo e na formação cidadã.

**A eleição passa a ser** um ponto de partida para instaurar, com a mediação do congresso universitário paritário e o fortalecimento dos colegiados deliberativos da instituição, um modo republicano, solidário e democrático de gerir a universidade, para garantir a gestão compartilhada, a reestruturação e expansão com qualidade, o ensino com compromisso social, a pesquisa de excelência, a extensão inclusiva e a assistência à comunidade universitária.

Este é o caminho que aponta, conforme salientei em texto nesta revista do Sindjus, *Para uma universidade popular com gestão compartilhada da educação (Ano XVI, nº 49, junho de 2008)*, que, na tradição das lutas dos trabalhadores, deve ser uma “universidade crítica, comprometida com a classe trabalhadora e com a sociedade e, portanto, instrumento de transformação social” (Carta Aberta da CUT sobre as eleições para a Reitoria da UnB, encaminhada aos candidatos em disputa no 2º turno das eleições).

**Tendo como referência** a fundação da Universidade de Brasília comprometida com um novo projeto de sociedade a partir da mediação das ciências, das humanidades e das artes, voltadas para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural do país, trata-se de inaugurar na UnB um campo de reflexão sobre as questões de nosso tempo, de modo a construir respostas teóricas e práticas aos dilemas do mundo contemporâneo.

Com este projeto, pode-se finalmente manter a esperança de que a comunidade universitária e a sociedade podem garantir a configuração de uma nova universidade solidária e participativa, consciente do seu papel no mundo dos saberes, comprometida com o desenvolvimento do país e voltada para a construção de parcerias e a implementação de ações que permitam reconstruir o presente e inaugurar o futuro.

ARTHUR MONTEIRO



**José Geraldo de Souza Júnior**

Professor e ex-diretor da Faculdade de Direito da UnB, coordena o projeto “O Direito Achado na Rua”

**Comprometidos com uma gestão compartilhada, pretendemos realizar um diálogo permanente com os estudantes, professores e servidores, de modo a garantir a excelência na produção dos saberes acadêmicos, a responsabilidade social e a agenda ambiental.**



BRUNO PERES

# Mobilização: este é o caminho

**Daniel Campos**

É preciso estar convicto de sua caminhada para fazer o que esse homem, um funcionário público, fez. Nunca abandonou sua carreira. Ao contrário, ele apositou todas as suas fichas nela. Começou como auxiliar judiciário e, com muita determinação, chegou ao cargo de analista. Hoje é diretor geral de um dos órgãos mais importantes da Justiça brasileira, o Supremo Tribunal Federal. Atuando entre a administração e a base, Alcides da Silva Diniz sonha com o fortalecimento da carreira dos servidores do Poder Judiciário. Como dirigente e servidor de carreira, fala da necessidade de criar

instrumentos de valorização do quadro de pessoal. De forma consciente, argumenta que a nossa carreira não está estruturada de forma adequada. Disposto a ajudar o Sindjus nesta caminhada, considera que um dos principais focos deve ser o desenvolvimento na carreira. De forma simpática, serena e inteligente, Alcides esmiúça muitos pontos do plano que está em discussão e indica a mobilização como o melhor caminho para conseguirmos um Plano de Carreira de sucesso. Vale a pena conferir esta entrevista, que pode ser considerada como um grande estímulo à nossa caminhada.

“ A participação de todos é essencial para o aprimoramento da proposta, que deve nascer da base e não construída de cima para baixo. ”

### **Depois da aprovação de três PCSs, como o senhor enxerga a luta por um plano de carreira?**

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que me orgulho de ser um servidor da carreira judiciária. E, como servidor de carreira, não posso deixar de registrar meu apoio às iniciativas do Sindjus, no sentido de promover um amplo debate sobre o assunto e de formular propostas para a elaboração de um Plano de Carreira que atenda às necessidades dos servidores, sobretudo no que se refere ao reconhecimento do mérito funcional.

### **O objetivo do sindicato é até novembro ter esse projeto no papel. De que forma o STF vai colaborar no trâmite desse projeto?**

Particpei da abertura do seminário sobre o Plano de Carreira, recentemente, no STF, a convite do coordenador-geral do Sindjus, Roberto Policarpo, quando tive a oportunidade de manifestar o meu apoio à iniciativa do Sindicato e a um trabalho conjunto com os demais órgãos do Poder Judiciário da União, com vistas à elaboração de um novo Plano de Carreira. Na última reunião de diretores e secretários-gerais desses órgãos, deliberou-se, por unanimidade, pela instituição de uma comissão interdisciplinar com o objetivo de debater o tema e apresentar projeto de um novo Plano de Carreira para os servidores.

### **Os servidores vão poder participar dessa comissão?**

O Sindjus e a Fenajufe já foram convidados a participar da comissão, que contará, também, com representantes do CNJ, STF, Tribunais Superiores, CJF, CSJT e TJDF.

### **Mais de 800 servidores participaram dos seminários. O senhor acredita que essa sensibilização facilitará a jornada até a aprovação do projeto?**

Não tenho dúvida de que a mobilização é o melhor caminho. A participa-

ção de todos é essencial para o aprimoramento da proposta, que deve nascer da base, e não ser construída de cima para baixo. E uma proposta completa, com qualidade, que pode se aproximar mais dos anseios da categoria, só pode nascer de um debate amplo com o servidor. Afinal, o Plano de Carreira é a própria vida do servidor, é a profissão dele que está em jogo, a vida dele, da família. Não há uma forma melhor do que essa para elaborar uma proposta séria, adequada e consistente.

### **Então, o Sindjus está no caminho certo?**

É evidente que está. No próximo mês de dezembro será implementada a última etapa do plano vigente (PCS III). Outras carreiras públicas, principalmente do Poder Executivo, têm sido muito ativas nesse processo de mobilização, visando o seu fortalecimento. Muitos são os exemplos. E nós temos

que fazer o mesmo, ou seja, precisamos da participação de todos os colegas neste trabalho. Não podemos ficar brincando de fazer planos. Vamos elaborar um que seja o mais próximo possível das necessidades dos servidores.

### **Dentro do debate que vem sendo feito com a categoria, há pontos em destaque. O senhor poderia comentar alguns deles? Por exemplo, a definição de critérios de seleção para ocupação de Função Comissionada?**

A recente decisão do STF em relação ao nepotismo fortalece o processo de valorização funcional, isto é, aumentam as expectativas dos servidores das carreiras em relação à ocupação dos Cargos em Comissão e Funções Comissionadas. Podemos, por exemplo, aumentar os percentuais assegurados aos servidores nas nomeações para tais funções. Esta é uma medida no contexto

## **Passo a passo, rumo ao novo plano**

Durante todo o mês de agosto o Sindjus realizou uma série de debates com servidores do Judiciário e do Ministério Público, para tratar do novo Plano de Carreira. Foram formados grupos de trabalho em cada órgão. As propostas foram analisadas e consolidadas num conjunto de onze pontos de consenso, que vão desde a definição das atribuições dos cargos em lei até a melhoria da remuneração.

Na reunião desses grupos, no final do mês, foi eleita uma comissão de servidores que defendeu as propostas de Brasília na reunião da Fenajufe nos dias 30 e 31 de agosto. O tema da carreira foi destaque nas discussões.

Em setembro foi criada uma comissão interdisciplinar para aprofundar as discussões sobre o assunto. A comis-

são, proposta pelos diretores gerais e pelos secretários gerais do CNJ, CSJT e CJF, além do TJDF, terá a participação do Sindicato.

O Sindjus mandou a todos os associados, por e-mail, um questionário com dez perguntas que focam as atribuições da carreira. As questões foram desenvolvidas pelo professor Angelino Rabelo dos Santos, especialista no assunto. Elas formarão a base das cinco oficinas que definirão as atribuições de analistas, técnicos e auxiliares. As oficinas serão montadas a partir dos grupos de trabalho formados nas reuniões de agosto. “Todos os órgãos estarão representados”, afirma o coordenador-geral do Sindjus, Roberto Policarpo. “Queremos ter um texto definido até o final do ano”, explica.

## “ Temos que construir uma estrutura que permita mais flexibilidade, até para evitar o desinteresse em permanecer no Judiciário. ”

da valorização do servidor.

### **Como o senhor vê a questão da atualização de atribuições?**

Essa questão merece ampla discussão. A definição mais precisa das nossas atribuições é uma medida de fortalecimento da carreira, pois contribuirá para eliminar ou pelo menos diminuir os chamados desvios funcionais e, conseqüentemente, contribuirá para melhorar a performance dos servidores no desempenho dos seus misteres. Servirá, de outro lado, para conter um mal presente no serviço público, que é a terceirização, muitas vezes admitida de forma conflitante com as atribuições de determinadas especialidades da carreira judiciária e, portanto, contrariando a ordem legal.

### **Outra reivindicação é o aprimoramento do Adicional de Qualificação...**

O AQ é uma novidade, veio como instrumento de valorização. Um instrumento, no meu modo de ver, absolutamente necessário para estimular a preparação e a qualificação do servidor, garantindo qualidade maior no trabalho. O AQ precisa ser discutido de forma permanente para definirmos que níveis de qualificação nós desejamos e para aprimorarmos os nossos regulamentos sobre o tema, a fim de darmos um tratamento mais universal possível aos servidores, evitando tratamentos diferenciados, frustração de expectativas e injustiças.

### **E em relação ao desenvolvimento na carreira?**

Sou de uma época em que a ascensão funcional era permitida pela Constituição Federal. Fui beneficiado por esse instrumento de valorização. Iniciei minha carreira como auxiliar judiciário e cheguei a técnico judiciário, hoje analista, por meio de ascensão funcional. Infelizmente, a CF de 88 eliminou esse instituto, que precisa ser resgatado pelo servidor. Trata-se de instrumento muito importante no processo de desenvolvimen-

to na carreira e, conseqüentemente, de sua valorização. Para conseguir isso, será preciso sensibilizar os parlamentares, pois a mudança dependerá de uma PEC.

### **A carreira precisa ser renovada?**

Nós precisamos ter instrumentos que aprimorem o sistema e ofereçam ao servidor as condições necessárias para que, durante sua vida funcional, ele possa caminhar e encontrar oportunidades de acesso. Precisamos de uma estrutura de carreira que assegure ao servidor não só a progressão funcional, dentro da própria categoria, mas que lhe ofereça oportunidades de transpor-se para uma categoria dita superior. Nós temos que construir uma estrutura que permita mais flexibilidade, mais movimentação, mais estímulo, até para evitar o desinteresse do servidor em permanecer no Judiciário, onde há uma rotatividade muito grande, devido à existência de carreiras mais atrativas em termos de remuneração e de valorização do servidor. Muitos sequer esperam o cumprimento do estágio probatório. A frequência de concursos públicos leva o servidor a procurar novas oportunidades, e com razão. Os prejuízos são grandes para o Judiciário e para o cidadão, pois tal situação contribui para a menor efetividade da prestação jurisdicional.

### **O que isso significa?**

Isso significa que nossa carreira não está estruturada de forma adequada. Que não satisfaz o servidor. Esse é um ponto fundamental sobre o qual devemos nos debruçar. O Sindjus tem um papel muito importante no debate dessa questão. O servidor só vai permanecer no Judiciário se este dispuser de instrumentos que efetivamente valorizem o servidor, seja permitindo que caminhe na carreira, seja oferecendo-lhe mais oportunidades na ocupação das Funções Comissionais e Cargos em Comissão, seja ampliando suas possibilidades de

qualificação, seja assegurando-lhe remuneração mais compatível com as suas responsabilidades. Significa, ainda, que os prejuízos para o Judiciário e para os cidadãos poderão ser muito grandes, pois tal situação contribui, de certa forma, para a menor efetividade da prestação jurisdicional, não obstante o espírito público e a consciência funcional dos nossos servidores.

### **E como o senhor avalia a questão da política salarial?**

Somos criticados sempre que formulamos propostas dessa espécie. Falam que no Judiciário se ganha muito bem, que temos maiores remunerações que os demais Poderes da República. Mas o que dizem não corresponde à realidade. Sabemos disso. Há carreiras públicas, principalmente aquelas ditas de Estado, que são bem organizadas e fortes, que possuem remuneração mais elevada do que as nossas. Precisamos ter competência para mostrar essa realidade e sensibilizar os nossos dirigentes e o Legislativo quanto à necessidade de reestruturação da carreira judiciária.

### **Isso sem falar que se extinguíram as vantagens pessoais...**

Todas as vantagens pessoais que havíamos conquistado desapareceram a partir de 1997. Foram extintos o adicional por tempo de serviço e os quintos. A incorporação de gratificação nos proventos de aposentadoria deixou de existir. Na verdade, a remuneração do servidor do Judiciário não mais corresponde às suas atribuições e responsabilidades.

### **E o que devemos fazer para reverter isso?**

Nós temos que saber conduzir essa questão com inteligência e firmeza. Temos que mostrar à sociedade que a nossa realidade é outra, não aquela que procuram passar. Temos uma responsabilidade muito grande com o cidadão, com o bom desempenho da prestação jurisdicional. Precisamos oferecer qualidade

## “ O argumento da dificuldade orçamentária deve valer para todos, não só para o Judiciário. ”

no atendimento ao jurisdicionado, garantir celeridade no processamento e julgamento das causas. Os magistrados precisam de servidores motivados, dedicados e cada vez mais amantes das causas da Justiça.

**Depois da Medida Provisória que reajustou os salários de diversas carreiras no Executivo, a distância salarial da carreira do Judiciário aumentou muito. Há alguma chance de resolver isso até o fim do ano?**

Essa é uma questão política e não me cabe avaliar, porque todo processo de reestruturação funcional depende de lei. Ao Legislativo cabe examinar e conferir atenção e agilidade à proposta.

**O que o senhor poderia dizer para tranquilizar os servidores?**

Que estaremos empenhados no cumprimento desse objetivo, não obstante as dificuldades decorrentes do processo político vigente. Afinal, estamos em um período eleitoral. Por ser ano de eleição, o processo legislativo não é tão ágil.

**Alguns pontos sugeridos pelos filiados fazem parte do PL 319, que está há onze meses na Comissão de Finanças. A demora se deve em razão de o Ministério do Planejamento não dar sinal verde para aprovação. O que o STF tem feito para ajudar a desenvolver essa matéria?**

Todos nós temos trabalhado para a aprovação deste PL. Infelizmente, há obstáculos na tramitação que fogem ao nosso controle e ao nosso poder de decisão. O Executivo entende que do ponto de vista orçamentário a aprovação desse projeto não é viável para este ano. Tem-se notícia de um parecer da SOF recomendando a transferência das discussões sobre o PL para 2009, compatibilizando-o com as possibilidades de alocação de recursos orçamentários.

**Isso não seria uma questão política?**

É o que parece, já que outras categorias têm sido beneficiadas por medidas provisórias, o que de certo modo revela uma incoerência de atitudes. O argumento da dificuldade orçamentária deve valer para todos, não só para o Judiciário.

**E qual é o caminho para aprovarmos o PL 319/07?**

A mobilização dos servidores. Temos que sensibilizar os parlamentares para a importância da aprovação do PL. Afinal, ele resgata pontos do PCS III que foram vetados, entre os quais o que define melhor o conceito de carreira, conceituando-a, inclusive, como de Estado. Ainda, o que amplia os percentuais de ocupação dos CJs e FCs pelos servidores de carreira, bem como o que amplia a possibilidade de concessão do adicional de qualificação, no caso a proposta que vai permitir ao técnico judiciário graduado a incorporação do AQ, além de outros pontos.

**Daí a necessidade dele ser aprovado o mais rápido possível...**

Após as eleições de cinco de outubro, os servidores precisam retomar essa luta. Ainda que venha a vigorar a partir de 2009, como quer o Executivo, não devemos adiar sua aprovação para além deste exercício.

**É preciso que todos tenham consciência de que é preciso aprovar o PL 319 antes de enviar o projeto do Plano de Carreira...**

Evidentemente que é melhor aprovar o PL 319/07 antes de apresentarmos uma nova proposta de Plano de Carreira ao Congresso.

**O PL 319 vai fortalecer a nossa luta pela carreira em muitos pontos. Um deles é referente à redistribuição. O senhor pode falar um pouco sobre isso?**

A regulamentação proposta no PL

para a redistribuição é necessária aos interesses do próprio Poder Judiciário, cujos órgãos poderão valer-se dela para, reciprocamente, acomodar seus quadros, liberando cargos que, se estivessem vagos, poderiam ser providos por candidatos concursados. A redistribuição é um instituto que está previsto na Lei nº 8.112/90. O que o PL propõe é a regulamentação devida desse instituto. Não há porque impedir uma redistribuição entre servidores da mesma categoria. Por exemplo: um servidor que conseguiu ser cedido para outro órgão do Judiciário, que foi para outro lugar, permaneceu lá por muitos anos, constituiu família e, assim, fica impossibilitado de retornar à origem, ficaria melhor se fosse redistribuído.

**E se o servidor perde a função, como ele fica?**

Obriga-se a voltar, deixando uma estrutura de vida para trás. Que perspectiva de crescimento terá sua família? Onde fica o princípio constitucional de proteção à família?

**Como servidor, se fosse para o senhor sugerir ou frisar um ponto que precisa estar presente no plano de carreira, qual seria?**

São muitos os pontos, mas destaco o desenvolvimento na carreira como um dos nortes para a satisfação funcional, segundo penso.

**A criação de instrumentos de fixação do servidor seria o ponto fundamental?**

Não é só a remuneração que fixa o servidor no órgão. Vários são os instrumentos de valorização do servidor, entre os quais destaco o desenvolvimento na carreira, a garantia de ocupação das funções gerenciais, as possibilidades de qualificação profissional, o oferecimento de planos de saúde que lhe assegurem tranquilidade e a certeza de que estará protegido em ocasiões difíceis.



Seminário no TSE:  
levantando bandeiras

ARTHUR MONTEIRO

# Um outubro intenso

*Plano de Carreira começa a ser lapidado em oficinas*

Os seminários setoriais, realizados em agosto, atestaram que são muitas as bandeiras em torno da construção de um Plano de Carreira. São muitos caminhos, muitas propostas, muitas sugestões; porém, para termos êxito precisamos empunhar o melhor projeto. Um projeto que atenda nossas reivindicações estruturais, organizacionais e econômicas. No entanto, como fazer isso no menor tempo possível, e com a consciência de que vivemos um universo de muitas transformações, vindas da globalização, da evolução tecnológica, da competitividade, da gestão de informação?

O Sindjus, na expectativa de buscar o melhor para a nossa categoria, contratou a assessoria de um "arquiteto de carreiras". Embora sua forma-

ção seja outra, o professor Angelino Rabelo dos Santos é um arquiteto no sentido realizador da expressão, dando subsídios e formas aos nossos sonhos. "Como educador de MBAs em Gestão de Pessoas tenho a oportunidade de debater o 'estado da arte' dos seus planos de carreiras, que estão focados na forma mais tradicional de remuneração fixa funcional", afirma Angelino.

O Sindicato trouxe até você um mestre em Administração pela UnB, professor de cursos de especialização e MBAs nas áreas de recursos humanos e gestão de pessoas, nas últimas duas décadas, do UNILEGIS, do ICAT/UnIDF entre outras organizações como o BACEN e a ENAP. Ele é responsável pela arquitetura da carreira

de entidades como SINDIRECEITA, SINTBACEN, FENASPS e seus Sindicatos, CNTSS, ASBRAPP, entre outras entidades de classes de servidores da União e do GDF.

Viveremos um outubro intenso, no qual as oficinas irão discutir esses e outros temas de interesse de toda a categoria. A modernização, a atualização e a adequação da nossa carreira às nossas reivindicações passa pela sua participação. Afinal, com o reforço do professor Angelino em nosso time, temos todas as condições de fazer um plano de carreira que valorize o nosso trabalho e nos possibilite mais satisfação e qualidade de vida. Para entrar no clima das oficinas, vamos mergulhar em um artigo do professor Angelino. Vale a pena ler.

# Gestão estratégica

## de cargos, carreira e remuneração

*Uma prática em consolidação ou uma retórica a ser desmistificada?*

### Um bom planejamento

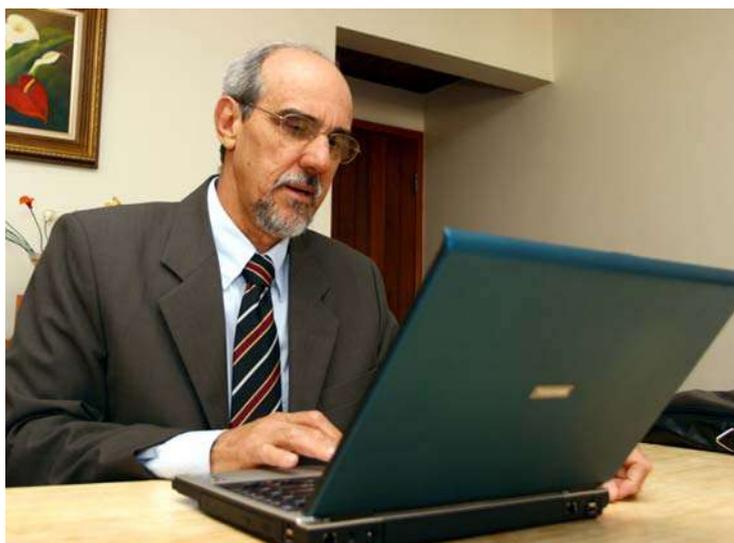
Na prática, poucos são os planos de cargos, carreiras e remuneração de organizações públicas, até mesmo no Poder Judiciário, em que se verifica esse criterioso e essencial planejamento do processo. Da mesma forma, fala-se também e muito nos aludidos princípios de comunicação, participação, transparência e imparcialidade, porém, na maioria das vezes, o que se verifica é também uma grande retórica. A meia verdade é, em muitos casos, pior do que nenhuma verdade. Quem cria expectativas e as gerenciam de maneira equivocada, administra ansiedade.

O êxito de um consistente Plano de Carreira está, entre outros aspectos relevantes, diretamente relacionado com um bom diagnóstico da situação atual. Quais são os pontos fortes e fracos do plano de cargos, carreiras e remuneração atual? Assim procedendo, certamente, trabalha-se com mais fundamentação técnica e conhecimento da realidade e necessidades estratégicas da organização e legítimos interesses dos servidores.

### Estruturação dos cargos

Depois de cumprir a etapa essencial de planejamento, à etapa subsequente é o delineamento dos cargos. Com isso, pode-se idealizar os cargos essenciais às organizações e descrevê-los e especificá-los em função das atribuições principais e requisitos essenciais. O que agrega valor é descrever o que as pessoas devem fazer para que suas unidades organizacionais alcancem suas finalidades e facilitem o cumprimento dos objetivos estratégicos das organizações.

Concluído o processo de estruturação de cargos, que tem como produtos cargos descritos, especificados, avaliados e classificados de forma consistente, a etapa seguinte é a estruturação



CLÁUDIO REIS

de salários, seja em forma de vencimento ou subsídios, com vistas a assegurar o equilíbrio externo com as organizações do mercado de trabalho.

### Política salarial

O instrumento que assegura esse almejado equilíbrio é uma consistente pesquisa salarial, contemplando os fundamentos técnicos na escolha dos cargos e das organizações a serem pesquisadas, na coleta, na tabulação e na análise dos resultados nela obtidos, com vistas à elaboração das novas tabelas ou matrizes salariais, em conformidade com as necessidades estratégicas das organizações e não menos importante, os interesses dos servidores.

A conclusão do trabalho se dá com o estabelecimento de uma adequada e estratégica política de remuneração, que deve consubstanciar em normas inerentes a: estrutura ocupacional, critérios de provimento, progressão, promoção, entre outros.

**Por Angelino Rabelo dos Santos**

Mestre em Administração pela Universidade de Brasília, professor de cursos de especialização e MBAs nas áreas de recursos humanos e gestão de pessoas

# Recomeço de

# vida

*Para não causar estresse, o afastamento do trabalho demanda uma reorganização de projetos de vida. Mas os aposentados aproveitam cada vez melhor essa nova fase*

## Thais Assunção

O aumento da expectativa de vida, nas últimas décadas, marcou também o aumento do período em que as pessoas vivem aposentadas. A idéia é viver bem nessa nova fase da vida. Mas isso depende da preparação dos aposentados. Na verdade, para a sociedade moderna, a aposentadoria representa claramente um afastamento do trabalho. Isso pode causar uma ruptura identitária, e implica uma reorganização de projetos de vida.

“Ocorrem as mais diversas reações. Chefes perdem os comandos; os senhores perdem os companheiros de trabalho; as senhoras ficam mais distantes das amigas e confidentes; a rotina muda. Pode surgir um vazio difícil de preencher”, explica Isolda Gunther, doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano e pesquisadora da UNB nas áreas de adolescência e envelhecimento.

A realidade do aposentado no Brasil está mudando. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 20% dos aposentados brasileiros trabalham. Principalmente os homens, entre os quais esse índice é de 28,9%. Entre as mulheres, o percentual é mais baixo: 11,5%. Os dados são de setembro de 2007.

Segundo Isolda Gunther, a aposentadoria é um dos marcos do envelhecimento, mas traz em si grande ambigüidade: “É fundamental ter consci-

ência de que a ambigüidade entre a segurança e o risco faz parte da nossa vida. É evidente que é sempre bom evitar, na escolha de hoje, o arrependimento de amanhã. Por isso, decisões importantes como aposentar-se devem ser acompanhadas de uma preparação anterior”, explica.

As reações tanto à idéia de aposentar-se quanto ao fato consumado variam muito: “Constata-se uma gradação, desde aqueles que esperam a aposentadoria com um grande entusiasmo até os que sucumbem psicologicamente e até mesmo definham fisicamente”, diz Isolda.

A pesquisadora afirma que os aposentados devem procurar atividades tanto intelectuais quanto físicas para abrandar os problemas que podem surgir com a aposentadoria: “As pessoas devem se dedicar a uma atividade suplementar. Podem ser leituras, passeios, música, enfim, atividades que proporcionem um dia-a-dia melhor, uma vida mais interessante.”

A estabilidade financeira e a melhoria da qualidade de vida promoveram uma mudança radical na visão sobre o idoso. Antes tido como um peso para a família e desprezado pelo mercado, ele atualmente representa um consumidor valorizado por diversos segmentos da economia, avalia Isolda.

Com disponibilidade para viajar durante a semana e o dinheiro da aposentadoria garantido, clientes da terceira idade ganham mais atenção do turismo. Para eles, foram criados descontos, programações especiais e parcelamentos a perder de vista. Com a facilidade nos pagamentos, a participação desse público em viagens só vem aumentando.

### NA ATIVA

20%

dos aposentados brasileiros continuam trabalhando. Entre os homens, o percentual é de

28,9%.

Entre as mulheres, é de

11,5%.



**Maria da Glória:**  
meditação, iquebana,  
inglês e hidroginástica  
lotam a agenda

FOTOS: ANDERSON BRASIL



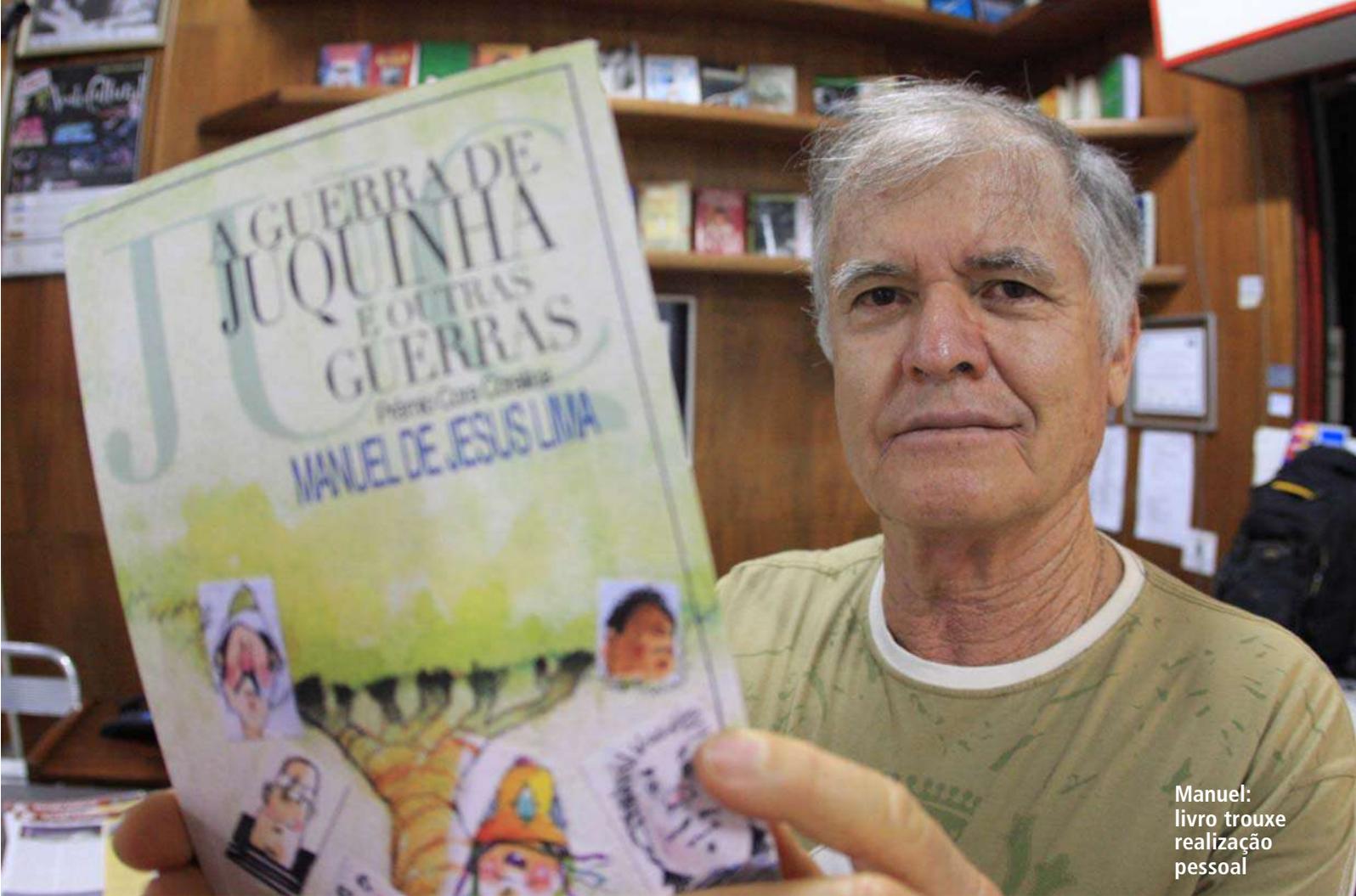
**Maria das Graças:** conhecendo o Brasil e o mundo

## Agenda cheia

Maria das Graças Chaves, analista aposentada do TJDF, resolveu conhecer o mundo e ir a lugares com os quais sempre sonhou: "Depois que me aposentei, viajei para Paris, Espanha, Argentina, Áustria, Londres. E também para vários estados brasileiros. Tenho um grupo de quatro amigas, somos inseparáveis e viajamos sempre. Queremos curtir a vida."

Há dez anos, desde que se aposentou, Maria das Graças não pára. Sempre ativa, concluiu um curso de Teologia, outro sonho que estava guardado. Agora faz aulas de espanhol. "Não me aposentei para aguardar a morte chegar. Aproveito meu tempo com cursos e viagens. Quero aprender cada vez mais. Estou satisfeita e animada com a aposentadoria", alegre-se ela.

Aposentada há quatro anos do TJDF, Maria da Glória Schmall começou a fazer natação e, em seguida, hidroginástica. "Me sinto como uma garota durante as aulas; adoro fazer exercícios na água", conta ela. Mas as atividades não param por aí. Ela também faz um curso sobre saúde, tem aulas de iquebana, inglês e meditação. "Agora tenho mais tempo para me dedicar ao que realmente gosto", explica. Questionada sobre a quantidade de atividades, Maria é incisiva: "Adoro ter minha agenda cheia. Faço aquilo que quero, sou aposentada e muito feliz."



Manuel:  
livro trouxe  
realização  
pessoal

ANDERSON BRASIL

## Um sonho realizado

As mudanças permanentes do mundo impõem às pessoas a necessidade de desaprender, aprender e reaprender constantemente. A verdadeira aprendizagem implica uma mudança na relação da pessoa consigo mesma, com os outros e com a vida. Que o diga Manuel de Jesus Lima, aposentado do TJDF. Ele nasceu em Minas Gerais, mas foi criado na cidade de Goiás Velho. Desde cedo foi amigo e vizinho de Cora Coralina. Manuel já datilografou e revisou livros da premiada autora, por causa do português arcaico que ela utilizava. "Sempre fui um ótimo estudante de gramática; eu me destacava nas aulas. Cora Coralina utilizava um português antigo. Eu datilografei um livro para ela, mas vi que aquela linguagem já havia caído em desuso. Para ela, era complicado

mudar a escrita; então eu ajudei. A Cora Coralina era uma figura humana inigualável", conta ele.

A infância e adolescência de Manuel foram repletas de livros; ele lia muito e também escrevia bastante. Ainda jovem mudou-se para Brasília e foi aprovado num concurso do TJDF. Porém, nunca deixou de lado a paixão pela literatura. Sem tempo para escrever, devido à dedicação ao trabalho e aos dois filhos, ele interrompeu o sonho por algum tempo. Quando se aposentou, dedicou-se inteiramente ao seu livro. "Coloquei uma meta na minha vida: se aos 50 anos não tivesse publicado meu livro, não publicaria mais. E consegui. Quando completei 50 anos coloquei o ponto final na minha história", conta.

O título é *A Guerra de Juquinha*

e *outras guerras*, e o livro foi premiado no Concurso Cora Coralina de Goiânia. Porém, devido à falta de patrocínio, Manuel quase desistiu de lançar a segunda edição. Acabou tirando do próprio bolso os recursos; publicou anúncio no jornal, chamou a imprensa. O esforço deu resultado: o livro vendeu bem e Manuel teve seu trabalho reconhecido. Mas a jornada ainda não acabou. Ele pretende publicar a terceira edição e levá-la, futuramente, para a telona. "Quero continuar a história e desenvolver um roteiro para cinema. Sei que é um projeto ambicioso, mas se eu não tentar não vou saber se dará certo", explica ele.

Para Manuel, os sonhos se tornaram realidade após a aposentadoria. "Eu me aposentei na hora certa. Estava precisando me dedicar à minha realização pessoal, e sinto que isso está acontecendo agora", comemora.

## Apoio à cultura

A terceira edição do livro de Manuel de Jesus teve o apoio do Sindjus. "Fiquei muito feliz quando o Roberto Policarpo (coordenador geral do Sindicato) me ofereceu ajuda. Acho que a cultura deve receber mais apoio e incentivo das instituições", afirma o escritor.

O Sindjus promoveu o 1º Encontro da Maturidade, em agosto, e constatou a vontade e o ânimo dos servidores aposentados. Para incentivá-los, e também para conhecer mais histórias como as de Maria das Graças, Maria da Glória e Manuel de Jesus, o Sindicato realizará, no próximo ano, o Concurso de Talentos da Maturidade Sindjus. O concurso premiará trabalhos de servidores aposentados, nas áreas de literatura, artes plásticas e música.

## Dicas para manter a saúde

"Quem não tem doença não é saudável", afirma o médico geriatra Marcelo de Faveri. Não há idoso que não tenha osteoporose ou artrite. Mas todos devem se manter ativos e produtivos, garante ele. Durante o 1º Encontro da Maturidade, realizado pelo Sindjus em agosto, Marcelo fez uma palestra sobre a saúde dos idosos e deixou algumas dicas para os aposentados:

- Diminuição da massa magra, aumento da porcentagem de gordura corporal e aumento da massa corporal são mudanças normais.
- Cuidado: o baixo peso em idosos pode ser pior que o sobrepeso. Deve-se evitar o excesso de gorduras saturadas.
- Deve-se manter o peso e os parâmetros nutricionais com metas estabelecidas individualmente.
- As metas estabelecidas para a saúde e a alimentação devem ser realistas.
- Restrições alimentares X qualidade de vida: a resposta a essa questão depende de características individuais.
- Avalie o prognóstico e o real impacto das restrições.
- Exercícios aconselhados: aeróbica, alongamentos, treino de equilíbrio.
- Não é preciso ser atleta para ter saúde.
- É preciso pensar a saúde como bem-estar global.
- É preciso conhecer e respeitar as próprias limitações; porém, deve-se também desafiar os próprios preconceitos.
- É preciso exercitar a funcionalidade e a autonomia para mantê-las.

ARTHUR MONTEIRO



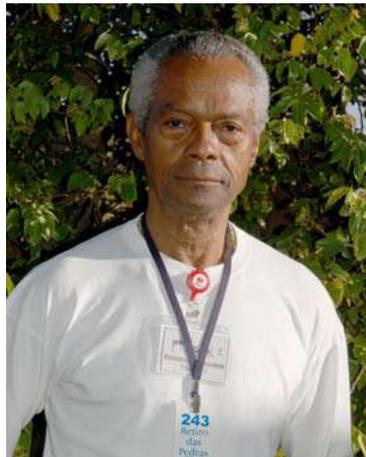
Encontro da Maturidade: palestra sobre saúde do idoso

# Trabalho e água fresca

*Boa parte deles passa longe da rotina de pijama e chinelos. Veja o que fazem alguns aposentados do Judiciário e MPU*

Vida de aposentado não é sinônimo de sombra, água fresca e pijama. Quando a saúde está boa e a motivação em dia, a aposentadoria é uma glória. Alguns transformam a necessidade de continuar trabalhando num prazer. O tempo livre e a vontade de ter uma vida nova e uma rotina diferente são os principais elementos motivadores da aposentadoria. Ou mesmo ficar em casa e curtir a família e os filhos. Para conhecer a rotina dessas pessoas em sua nova fase da vida, ouvimos alguns servidores aposentados durante o 1º Encontro da Maturidade, realizado pelo Sindjus.

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



“Faço muitas caminhadas, além de várias outras atividades. Procuo preencher os meus dias com tarefas que me deixem mais atento, mais informado. Não tenho problemas de saúde, por isso também me sinto pronto para realizar qualquer trabalho.”

**Carlos Alberto de Aquino,**  
aposentado do TJDF

“Hoje dedico todo o meu tempo à vida familiar. Antes eu não tinha tempo; criei meus oito filhos praticamente à distância, porque o meu dia era dedicado somente ao trabalho. Agora quero acompanhar de perto o crescimento dos meus 23 netos e dois bisnetos. Adoro brincar com eles, isso me faz muito bem.”

**Benedita de Oliveira dos Santos,**  
aposentada do MPT

“Fiz karatê por algum tempo; agora dedico-me a caminhadas e uso o tempo livre para cuidar também da minha alimentação, que procuro manter saudável. A minha aposentadoria me proporciona isso: momentos de divertimento, lazer e conforto.”

**Manoel Alves Brandão,**  
aposentado do STF

“Eu me aposentei com saúde e sempre procurei atividades. Desde 1981, antes de me aposentar, construí uma loja de cama, mesa e banho. Hoje vendo outros artigos para casa. Tenho tempo para me dedicar melhor à minha loja, acompanho todas as compras e artigos novos que chegam.”

**Teresa do Lago Oliveira,**  
aposentada do MPF



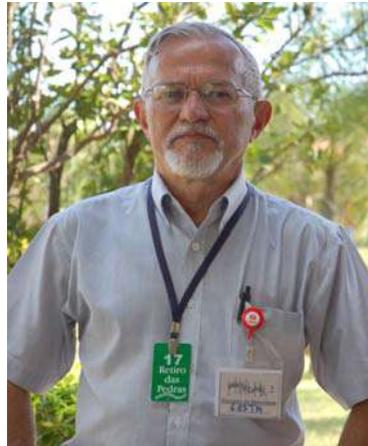
“Acho que a minha aposentadoria é uma maravilha. Tenho tempo para tudo, até para não fazer nada, se eu quiser. Tenho me dedicado à minha família e ao lazer, mas também gosto de colocar a leitura em dia, especialmente com a revista do Sindjus.

**Francelino Ferreira, aposentado do TJDF**



“Adoro fazer ginástica e ir ao clube. Tenho minhas amigas de final de semana... Antes não tinha tempo para me divertir; agora posso retomar as atividades que tanto gosto. Eu me divirto muito. Tento esquecer a rotina estressante do dia-a-dia, que me irritava. Agora me sinto mais leve. Tenho 78 anos, mas com a cabeça de 30.”

**Maria da Glória Oliveira, aposentada do TJDF**



“Adoro a vida de aposentado. Nunca parei de trabalhar; sou ativo, adoro exercícios físicos e agora tenho mais tempo para me dedicar a isso. Tenho 64 anos, mas sinto ter 20. Não tenho problemas de saúde e acredito que isso se deve aos esportes, que pratico há muito tempo. Também posso me informar melhor sobre as ações do Sindicato.”

**Antônio Costa, aposentado do MPM e delegado do Sindjus**



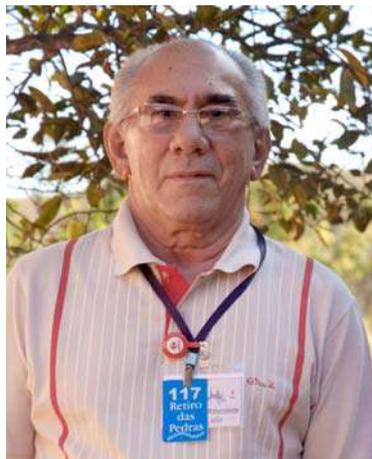
“Sou um aposentado ativo, gosto de ajudar as pessoas. Desenvolvo um trabalho na igreja há algum tempo; agora que tenho mais tempo livre, estou me dedicando muito mais ao meu projeto de voluntariado. Ajudo pessoas carentes a construir suas casas. É um sonho que estou realizando agora.”

**Valdir Emerick, aposentado do TRE**



“Sou um homem que faz de tudo: pratico exercícios, freqüento a academia, viajo bastante e ainda sou delegado do Sindicato. Procuo estar sempre atualizado e atuante nas atividades do Sindjus. Na verdade, encaro isso como um trabalho.”

**Reginaldo Pereira Lima, aposentado do TJDF**



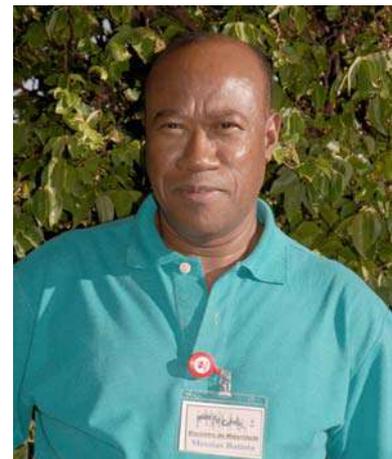
“Minha saúde ficou debilitada, por isso não pude aproveitar muito o tempo livre. Mas não fiz disso um drama; encarei com maturidade. Minha esposa me ajudou muito. Nós formamos uma bela dupla. Vamos ao médico e depois ao shopping passear, não temos pressa. Adoro a vida agora, porque, como aposentado, posso aproveitá-la melhor.”

**José Luiz Barros Dias, aposentado do TSE**



“Estou aposentada há vinte anos. Nesse intervalo realizei muito, mas meu sonho é ajudar outros aposentados. Quero construir um instituto para abrigar aqueles que não têm onde morar. Gostaria de contar com o apoio do Sindicato nesse projeto. Minha vida é bem agitada: por gostar de ajudar os outros, nem tenho tempo de sentir o peso da idade.”

**Euri de Castro, aposentada do TJDF**



“Eu me aposentei em 1992 e até agora não tive tempo nem para pensar em parar totalmente as minhas atividades. Com mais tempo livre, eu me dedico às atividades físicas. Nunca me desvinculei do Sindicato, porque acho importante estar ciente das ações em prol da minha categoria.”

**Messias Batista Silva, aposentado do TST**



# SALVE SALU!

E logo uma aritmia para levar um dos maiores mestres da ginga popular brasileira. Logo um contraponto no marcapasso para atravessar essa pisada de guerreiro. Mestre Salustiano, morto dia 31 de agosto, trouxe de Aliança, na Zona da Mata, norte de Pernambuco, a saga das brincadeiras de rua traduzidas em narrativas dramáticas de luz e cor. Reuniu ciranda, coco, maracatu, mamulengo, forró pé-de-serra, aboio de vaquejada, frevo, caboclinho e cavalo marinho feito sinfonia a céu aberto na poeira do terreiro.

De pouco banco de escola fez-se mestre na sabedoria popular dos ritmos nordestinos e com sua rabeca. No ano passado, em Brasília, atração com o seu Maracatu Piaba de Ouro no Encontro de Mestres do Festival de Cultura Popular do Estrelo, ele desabafou contra as malhas burocráticas do acesso a verbas oficiais que consagram intermediários e produtores nem sempre do ramo ou honestos: "Quando é que vão lançar o edital dos analfabetos? Quando é que vão parar de dar chance pra essa gente que não canta, não toca, não dança, não cria nada, não fatura em cima do trabalho do artista?". Brinquei com ele que a Lei Rouanet estava na muda e que vinha por aí uma lei mais justa para com quem faz: uma troca de Rouanet por Raoni! Ele riu muito e disse que iria fazer campanha pela nova Lei Raoni da Cultura Popular! Mantinha forte percepção de processo cultural sem a perda de substância do criador frente às leis e jogos do mercado: "Temos de garantir liberdade para quem tá no meio do rolo, quem faz, pra se chegar do outro lado do rio precisamos primeiro de uma pinguela, um toco atravessado já serve, depois vêm as estruturas, a necessidade da ponte com outras

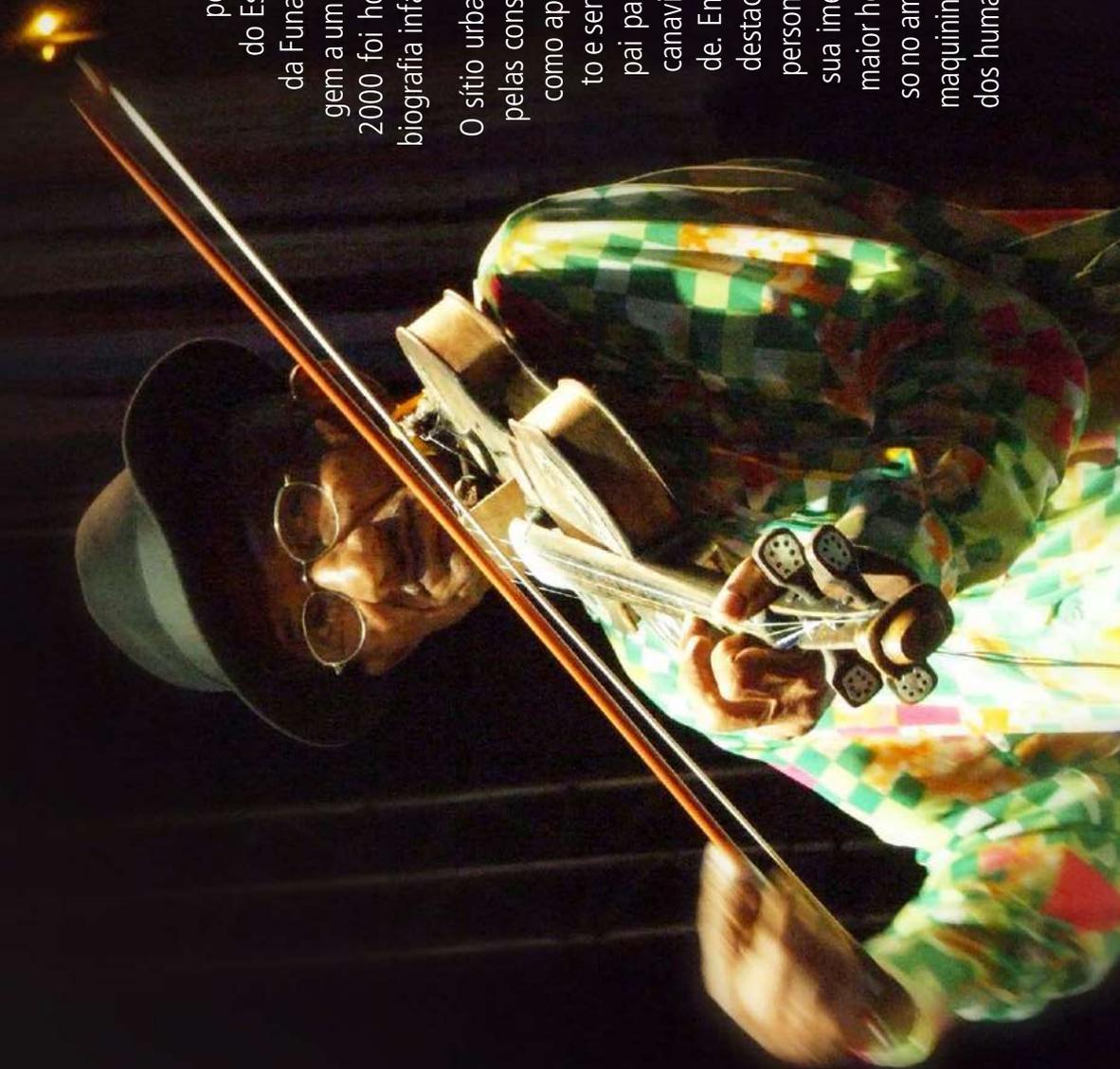
tormas. Era assim que dava o toque figurado do artista criador (principalmente o popular) que existe antes do produto como sujeito. A estrutura é criada a partir da obra e não é a obra que tem de se sujeitar aos regimentos da máquina.

Não satisfeito em compor, liderar um movimento que aproximou a tradição dos grupos mais jovens da música popular e criar forte senso comunitário entre os brincantes de rua, Salu construiu seus instrumentos e provocava misturas entre várias escolas. Beberam na sua cacimba generosa: Sibá do grupo Mestre Ambrósio, Antônio Nóbrega e todos do Manguebeat (citado em Salustiano Song). Assumia, sem falsa modéstia, a postura de raiz com todas as seivas. Outro admirador seu, irrestrito e entusiasta, no seu melhor estilo messiânico revolucionário, é Ariano Suassuna, que já “pontuou” muitas das suas palestras com trechos de Salu.

Aqui em Brasília era o padrinho do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, que retoma (com características candangas de calango voador) as pisadas e mitos de Pernambuco. O Ministro Juca, da Cultura, reconheceu Salu como “prova viva da diversidade cultural brasileira em permanente processo de revitalização”. E os filhos do Estrelo dedicam o Festival desse mês (nos gramados da Funarte, atrás da Torre TV) ao mestre. A maior homenagem a um artista é a sua arte retomada no chão semeado. Em 2000 foi homenageado com o livro *A Rabeca do Salu*, uma biografia infanto-juvenil escrita por Lêda Maya.

O sítio urbano de Salu, em Olinda, no Recife, tem ares tribais pelas constantes sambadas e festas que funcionam também como apresentações didáticas para explicar cada movimento e sentido da dramaturgia de rua. Seguindo a tradição do pai para filho, das mãos cortadas pelo trabalho duro no canavial, Salu começou a tocar rabeca aos 7 anos de idade. Em sua grande família de 13 filhos tem um que se destaca não só como seguidor fiel, mas com traços de personalidade forte e elementos próprios: Maciel Salu. De sua imensa família de discípulos fica a generosidade, sua maior herança. De quem se assumia fonte e se deu generoso no amor por sua cultura. Até os últimos descompassos da maquininha que marca pela energia das máquinas, não a dos humanos. Salve, eterno Salu!

TT CATALÃO



# Invenções no concreto

*Obras de Peretti dão vida e leveza aos prédios da cidade*

Brasília é um museu a céu aberto. Poucas cidades no mundo têm esse privilégio. Nas ruas, nos gramados, nas fachadas, no interior e no exterior dos prédios estão expostos trabalhos dos maiores artistas modernos brasileiros. São tantos que, muitas vezes, estão ao nosso lado e nem notamos. A cada edição, esta seção mostrará o trabalho de um artista. Este mês você vai conhecer Marianne Peretti.



“Marianne Peretti é uma artista que compreende o sentido da invenção nas artes.” A frase, de Oscar Niemeyer, explica o encantamento do arquiteto pela obra dessa colaboradora, a quem ele encomendou dezenas de vitrais e esculturas para prédios de Brasília. Pela sua contribuição ao panorama das artes visuais na cidade, Marianne recebeu, em 2006, o título de cidadã brasiliense honorária.

Filha de pai pernambucano e mãe francesa, ela foi registrada no consulado brasileiro, mas nasceu e cresceu em Paris, entre artistas e escritores. Estudou desenho e pintura e fez sua primeira exposição ainda na França, em 1952. Em seguida, viajou pela Europa e decidiu morar no Brasil. Em São Paulo, realizou uma série de exposições e ganhou o prêmio de melhor capa na 5ª Bienal de São Paulo, com o livro *As Palavras*, de Sartre.

Em 1964, após expor no 1º Salão de Brasília, Marianne conheceu seu principal parceiro profissional, o arquiteto Oscar Ni-





Escultura em bronze no Teatro Nacional (acima) e a imensa fachada do STJ, em concreto e vidro (abaixo, à esq.): belezas brasilienses

emeyer. Responsável pelo traçado dos prédios da nova capital, Niemeyer encomendou a ela enormes vitrais e gigantescos painéis de vidro para a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, o Palácio do Jaburu (residência oficial do vice-presidente da República) e o Memorial JK, além da escultura em bronze polido em forma de pássaro, que enfeita o foyer da Sala Villa Lobos, no Teatro Nacional.

Entretanto, foi após 1980 que Marianne realizou seus maiores trabalhos em Brasília: os vitrais do Panteão da Pátria, com 340 metros quadrados, e da Catedral, com dois mil metros

quadrados. Para o Superior Tribunal de Justiça, criou uma obra monumental: a fachada em concreto e vidro, com dez metros de altura, que forma um conjunto com 840 metros quadrados em vão livre. Na sala do Tribunal Pleno do STJ fica o vitral escultural *A Mão de Deus*.

Versátil, ao longo dos seus 80 anos de vida (comemorados em janeiro deste ano), Marianne fez desenhos, pinturas, ilustrações e capas de livros e revistas, esculturas, vitrais e painéis com as mais diversas técnicas e materiais. Realizou mais de quatro dezenas de exposições coletivas e individuais, no Brasil e no exterior.

Tem esculturas em praças públicas em Paris e em Turim, na Itália, além de uma série de obras em residências, instituições particulares e prédios públicos em várias cidades brasileiras.

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



Detalhe da fachada do Panteão da Democracia: 340 metros quadrados de vitrais



# Testemunha ocular

*As peripécias do fotógrafo Gervásio Baptista, que já rodou o mundo "umas três vezes", viu e registrou os mais importantes fatos das últimas décadas*

## Usha Velasco

**G**ervásio Baptista é repórter fotográfico na Agência Brasil e no Supremo Tribunal Federal. A dupla jornada exige dele cerca de 14 horas diárias de expediente. Nesse país onde todos (bem, quase todos) têm que suar um bocado para ganhar a vida, isso não é tão incomum. A não ser por um detalhe: ele tem 85 anos de idade.

Miúdo, magrinho, anda para cima e para baixo carregando seu pesado equipamento. Não demonstra cansaço. "A máquina é como uma amante, quer sempre mais", brinca ele. Esse caso de amor com a fotografia é antigo, mas não dá sinais de arrefecer. Gervásio começou a trabalhar aos nove anos de idade, num laboratório fotográfico.

"Meu pai me arrumou esse emprego porque eu brincava o dia todo de fotografar, pegava qualquer caixinha e dizia que era minha câmera", conta ele. Aos doze anos virou fotógrafo do jornal O Estado da Bahia, em Salvador, onde foi descoberto por Assis Chateaubriand e levado para o Rio de Janeiro.

Foi o começo de uma carreira que já dura 76 anos e tem rendido muitos e bons frutos. Além da coleção de casos que tem para contar (todos impagáveis), Gervásio também coleciona História. Com H maiúsculo,

porque armazenou na memória e no papel fotográfico a história do Brasil e do mundo nas últimas seis décadas.

"A fotografia me deu um canal de conhecimento. Fiz a volta ao mundo umas três vezes", relembra. Nessas andanças, conheceu Nixon, Fidel Castro, Che Guevara, De Gaulle, a rainha Elizabeth II, o fotógrafo Cartier Bresson, sua referência máxima, e tantas outras pessoas famosas que é difícil lembrar. Ficou amigo de várias delas, como Jacqueline e John Kennedy, que intercederam para que Gervásio fizesse um tratamento de saúde nos Estados Unidos, e Evita Perón, que lhe deu um salvo-conduto quando ele se queixou de que, todas as vezes que desembarcava em Buenos

### FENÔMENO

## 76

anos de carreira: esta é a marca do fotógrafo Gervásio Baptista, que atualmente dá

## 14

horas diárias de expediente, em dois empregos. Ele está com

## 85

anos de idade, e se declara "completamente apaixonado" pela fotografia



ARTHUR MONTEIRO

Aires, acabava na cadeia.

Não que ele estranhasse. “Só durante o governo militar, aqui no Brasil, eu fui em cana onze vezes”, lembra Gervásio. Sem contar as prisões pré-64; dessas ele perdeu a conta. Jornalismo, naquela época, era uma aventura – na qual o apaixonado fotógrafo embarcou sem reservas.

Dono da credencial de imprensa nº 001 do Palácio do Planalto, ele recebeu, este ano, a medalha da Ordem

do Mérito do Rio Branco, em homenagem ao seu trabalho. Gervásio fotografou todos os presidentes brasileiros desde Getúlio, “não só em solenidades, mas também em situações especiais”, explica, porque ficou amigo de vários: JK, Jango, Tancredo e Sarney. É dele a famosa foto de Tancredo Neves no hospital, pouco antes de morrer, em 1985.

“Fiquei muito sentido, muito chocado, quando disseram que aquela fo-

tografia era uma armação”, queixa-se: “Eu nunca me prestaria a um papel desses.” Para Gervásio, o reconhecimento de seu trabalho é importante, mas melhor que a condecoração do Itamaraty é o respeito e o carinho dos colegas – o que ele tem de sobra. Nas páginas seguintes, veja um pouco da história do país, nas fotos de Gervásio, e um pouco da história de Gervásio, na crônica escrita por seu colega, o repórter fotográfico André Dusek.

Gervásio, sempre brincando: “A máquina é como uma amante, quer sempre mais”



# De calças curtas

André Dusek

A mula estava linda, toda vestida e preparada com os arreios. No chão, não menos lindo, com colete de vaqueiro e chapéu de couro, o poderoso dono dos Diários Associados, Assis Chateaubriand. Quatro homens o levantaram e o colocaram em cima da mula. Atento, um menino de calças curtas com uma câmara Netel de chapa de vidro 9x12 disparou a foto. Alguém viu e contou para Chateaubriand, que, nervoso, gritou: "Ei, menino, você ficou maluco? Eu venho à Bahia receber a Comenda do Vaqueiro e você me fotografa nessa situação! Você é de onde?" Ofegante, o menino

respondeu: "Sou do jornal O Estado da Bahia, o doutor Odorico Tavares me mandou fazer a foto do doutor Assis recebendo a comenda."

Irani, assessor de Chatô, partiu para cima: "Meu filho, venha cá, eu quero essa chapa!"

O menino se esquivou: "Essa chapa o senhor vai pegar com o Dr. Odorico Tavares." E foi fotografar a entrega da comenda. Afinal ele ainda tinha onze chapas para gastar. Durante a solenidade, Chateaubriand não tirava o olho do menino fotografando, e comentou em voz alta: "Olha o menino, esse menino é gênio, olha como ele sabe fazer 'bunitinho', pega ele, pega ele..." O menino correu, entrou no carro do jornal e saiu voando de Feira de Santana.

Já em Salvador, revelaram as chapas e constataram que as fotografias ficaram lindas. Assis Chateaubriand foi à cidade visitar o jornal O Estado da Bahia, que pertencia aos Diários Associados. Foi logo perguntando: "Cadê o menino, o fotógrafo de calças curtas? Odorico Tavares apresentou-o a Chateaubriand: "Este é Gervásio Baptista, esse menino trabalha aqui faz um ano ou dois, mas ele tem tino. Aprendeu a revelar e a fotografar com o José Brito (princi-

pal fotógrafo do jornal) e faz as fotos de esporte. A página de esporte de domingo geralmente quem faz é ele". Chateaubriand falou: "Gostei de você, você vai embora para o Rio de Janeiro, eu vou te levar".

Chatô continuou dando ordens: "Providencia aí para levar esse menino para o Rio. Odorico, providencia para comprar umas calças compridas, esse rapazinho merece." No dia seguinte, Odorico mandou comprar roupas novas. No primeiro dia que Gervásio usou calças compridas levou uma queda, a boca da calça era maior e o fez tropeçar. E a foto de Chateaubriand carregado pelos quatro homens? "Ficou ótima, mas a que publicaram foi ele recebendo a comenda. Nunca mais soube o fim que deram à tal chapa. Eu não imaginava que fosse virar história", lamenta hoje Gervásio.

Esse episódio se passou no final da década de 40. Demorou alguns anos até que um dia Irani, secretário de Chatô, mandou uma passagem de avião para Gervásio ir ao Rio. Eles queriam o menino, agora com calças compridas, trabalhando na principal revista de reportagens da época, *O Cruzeiro*. "Eu fiquei num verdadeiro come-dorme, não fazia nada. Ia para a redação todos os dias. Me jogaram num verdadeiro butantã, cheio de cobras: Jean Manzon, Ed Keffel, José Medeiros, Luiz Carlos Barreto (o cineasta) e Luciano Carneiro", conta. Os "cobras" não deixavam nenhuma pauta para Gervásio fazer, mas lá ele aprendeu a trabalhar com a câmara Rolleiflex, entre muitas outras coisas sobre fotografia.

Gervásio ficou por ali, até que um dia encontrou o jornalista Hélio Fernandes (hoje dono da Tribuna da Imprensa), secretário de redação da Manchete, que ia ser lançada (até então só existia a Bloch Gráfica, especialista em talões do jogo do bicho). Hélio disse: "Estamos fazendo a Manchete. Quanto você ganha no Cruzeiro?" Gervásio respondeu: "Estão me pagando 12 'mérreis'". Hélio atirou: "então eu dou 15". Gervásio perguntou: "E eu vou trabalhar?" Hélio disse: "Vai." Gervásio não teve dúvidas: "Então é comigo mesmo." Largou o Cruzeiro e foi fazer parte do grupo que fundou a revista Manchete.

Quando Getúlio Vargas se matou, em





Bonde puxado por burros, em Santo Amaro da Purificação (BA), na década de 40; JK inaugura Brasília, em 1960; o presidente eleito Tancredo Neves, em 1985, pouco antes de morrer; e estátua da Justiça na Praça dos Três Poderes

1954, Gervásio foi enviado para cobrir o funeral em São Borja (RS). Naquela época, não era simples viajar. Ele foi de avião de carreira até Porto Alegre e de ônibus para São Borja. Era agosto, um frio de lascar. Na confusão do enterro, Gervásio conheceu o então ministro do Trabalho, Tancredo Neves. Gervásio estava em cima de um túmulo, agarrado num anjo, quando Osvaldo Aranha começou a falar, inflamado. Ele fotografava agarrado no anjo quando Tancredo puxou seu dedão e disse: “Ô, rapaz, você cai daí, tome cuidado!” Gervásio respondeu: “Qualquer coisa o senhor me ampara, ministro.” Em 1985, já presidente eleito, Tancredo lembrou essa história numa entrevista coletiva.

Num momento emocionado do discurso de Osvaldo Aranha, Tancredo botou a mão no rosto e começou a chorar. Essa foto ficou famosa (veja ao lado). Quando terminou o sepultamento, Gervásio tinha que voltar para Porto Alegre e pegar um avião para o Rio. O trajeto levaria três dias. Ele resolveu ir para o aeroporto de São Borja. Chegando lá, viu o C46 da Presidência, o avião que trouxe o

**Pulou do avião, levantou, agarrado à bolsa com os filmes, e as pessoas ficaram gritando: “Pega! Pega!” Atravessou o aeroporto Santos Dumont, entrou num táxi e correu para sede da Manchete.**

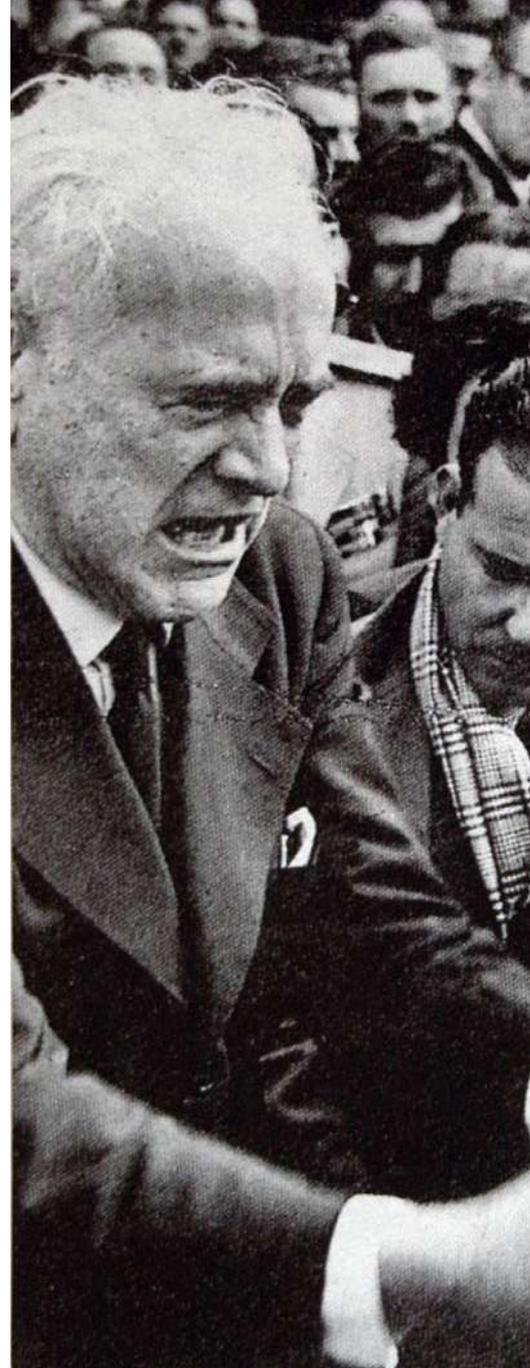
corpo de Getúlio. Gervásio pensou: “Vou entrar e me esconder.” Foi chegando perto do cabo de polícia, na porta, e disse: “Cabo, tudo bem aí? Está um frio lascardo...” O cabo perguntou: “Usted vai viajar?” E Gervásio: “Sim, eu sou da comitiva. Se eu pudesse entrar nesse avião, olha como eu estou, morrendo de frio...” O cabo respondeu: “Olha, não chegou ninguém não, mas você pode entrar.”

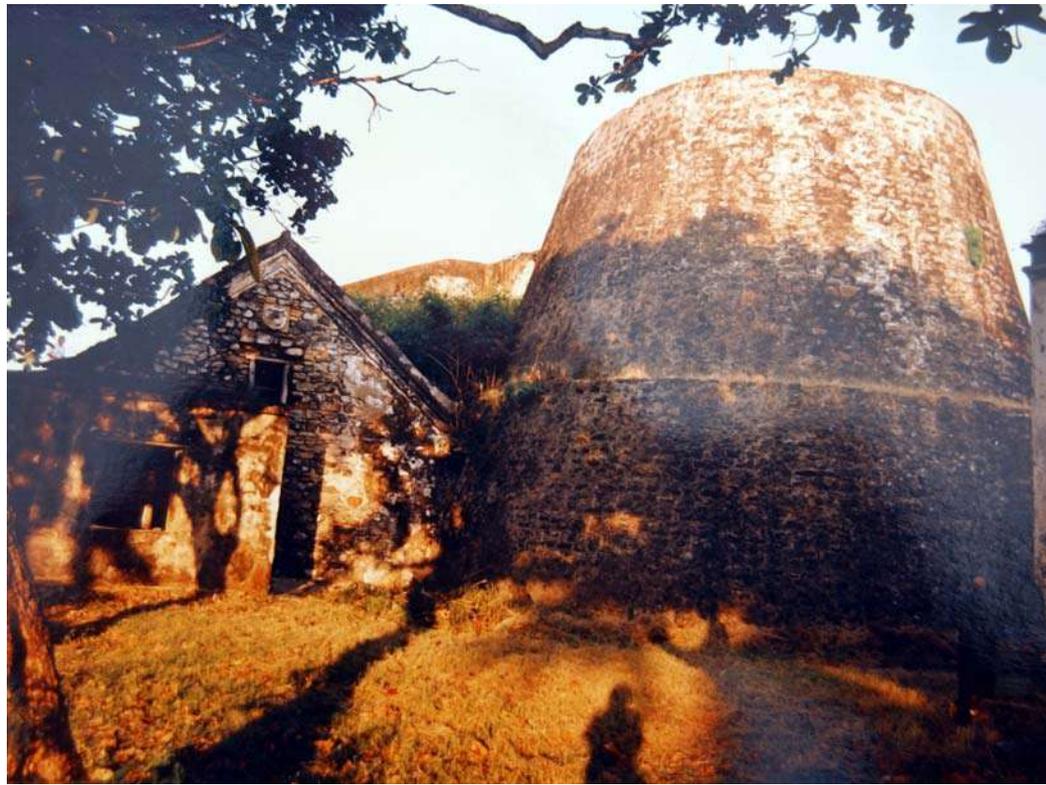
Gervásio entrou e se trancou no banheiro. Horas depois, começou a chegar a comitiva. Logo ouviu-se o ronco do motor. O avião decolou com destino ao Rio. Depois de uns 40 minutos de voo, alguém foi ao banheiro, forçou a porta e viu que estava trancada. Ele começou a pensar em como sair dali sem que notassem que era clandestino. Entreabrindo a porta, viu to-

dos os passageiros sentados de costas, mas percebeu que um soldado que servia café a bordo se aproximava. Fechou a porta de novo, mas sem trancar. De repente, alguém abriu a porta. Era o general Caiado de Castro, ministro chefe da Casa Militar, que disse: “O que você está fazendo aí? É o fotógrafo... Rapaz, você está querendo causar um desastre no avião!” E Gervásio: “Eu sou o lastro, o avião não tem carga...” O general retrucou: “Você está preso!” Gervásio concordou: “Sim senhor.”

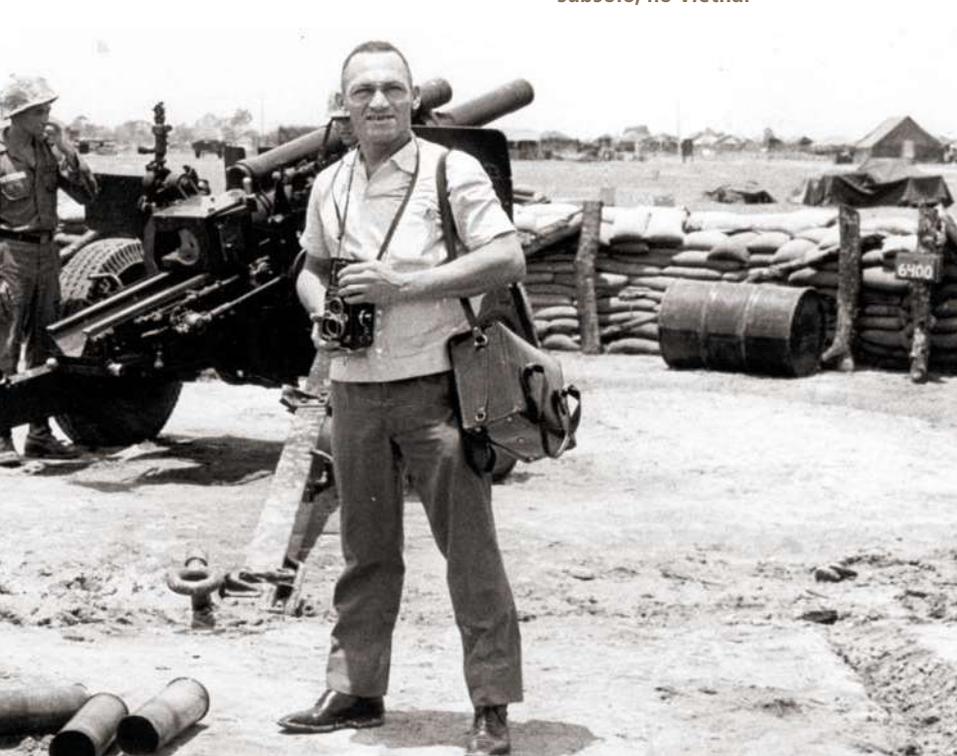
O general mandou que ele sentasse no último banco, e ficou se gabando de ser o herói que prendeu um fotógrafo clandestino. Após algum tempo, um sujeito sentou ao lado de Gervásio: era Samuel Weiner, o dono do jornal Última Hora: “Me dá os filmes que eu livro sua barra.” Gervásio se recusou: “Isso nunca, prefiro ir preso.” Weiner disse: “Mas quando você chegar, a gente toma os filmes do mesmo jeito.” Lá pelas três horas da tarde o avião pousou no aeroporto Santos Dumont e foi taxiando pela pista. O soldado abriu a porta para ventilar, ainda com o avião em movimento. Gervásio pensou: “É agora ou nunca.” Pegou a Rolleiflex e jogou dentro da bolsa. Olhou para o flash Mecablitz, desses enormes, e resolveu abandoná-lo no avião. Agarrou na bolsa e pimba: deu um pulo, caiu na grama e saiu rolando.

Levantou-se, saiu correndo agarrado à bolsa, e as pessoas ficaram gritando do avião: “Pega! Pega!” Quanto mais gritavam, mais ele corria. Atravessou o prédio do aeroporto Santos Dumont, entrou num táxi e foi para a sede da Manchete. Chegou na redação esbaforido, direto para o laboratório. Todos perguntaram: “Já voltou? Não viajou, não?” Ele não podia nem falar, pois o coração saía-lhe pela boca. Nisso encontrou Adolpho Bloch (dono da Manchete) no corredor: “Eu não mandei você cobrir o enterro do Getúlio, p\*%#!” Ao que ele respondeu: “Já voltei, já fiz o enterro, entrei no avião da comitiva escondido, vim como clandestino, o general Caiado de Castro me prendeu, eu pulei do avião, caí na grama, fugi e estou aqui. O senhor quebra meu galho?” Adolpho perguntou: “Cadê os filmes?” Gervásio entregou cinco rolos. Adolpho Bloch gritou: “Pára tudo, edição especial amanhã!” Fizeram uma edição especial sobre o sepultamento de Getúlio, antes das revistas concorrentes e até dos jornais.





Enterro de Getúlio Vargas (esq.): o ministro Oswaldo Aranha discursa, emocionado; no canto, Tancredo Neves, e no centro, João Goulart. Acima, auto-retrato no cenário de uma antiga cadeia em Fernando de Noronha. Abaixo, Gervásio em Saigom; ao lado, militares desmontam armadilhas no subsolo, no Vietnã.



*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como  
sou – eu não aceito.  
Não agüento ser apenas um  
sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas,  
que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora,  
que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem  
usando borboletas.*

*Manoel de Barros*

Do alto dos seus 91 anos, o poeta Manoel de Barros ensina que o ser humano é incompleto, e que isso não é defeito; é qualidade. Assim como ele, muitas outras pessoas precisam ser Outras. E são. Esta coluna publicará mensalmente histórias de gente que concilia o serviço público com as mais diversas atividades. São atletas, chefes de cozinha, professores, pintores, mágicos, mecânicos, músicos... A lista não tem fim.

# Música para vencer a rotina



**D**upla vida: assim o agente de segurança do Foro de Taguatinga, Paulo Anderson Lerbach, define sua jornada de trabalho. Vocalista do grupo musical Triplo 20, ele encara com seriedade e responsabilidade os compromissos assumidos pela banda, que, para ele, é um outro emprego.

Desde cedo Paulo mostrava interesse pela música. Aos 16 anos, com quatro amigos e os instrumentos velhos que guar-

davam, formou uma banda. "Tocávamos na garagem mais próxima e éramos odiados pelos vizinhos", brinca.

As influências musicais são inúmeras. Paulo Anderson está sempre se reciclando e se atualizando sobre novas bandas e novos sons. "Escuto música o dia todo, menos no trabalho. Tenho quase cem gigabytes de músicas no meu computador. Escuto desde Beatles até Caetano Velo-

so", conta ele.

A banda acaba de fazer seu primeiro CD, *A vida cotidiana*, que chegou da gravadora em agosto. O som é uma espécie de rock nacional, ou melhor, "música brasileira com guitarra elétrica", como define Paulo Anderson. O show de lançamento será no próximo dia 24 de outubro, no Blues Pub, em Taguatinga. Segundo Paulo, a divulgação será boca a boca. Os fãs poderão acessar as músicas pelo site da banda ([www.triplo20.com.br](http://www.triplo20.com.br)). "Mesmo que a pessoa não tenha condições de comprar o CD, terá a possibilidade de obter as músicas, baixando pela internet, no nosso site", explica.

Paulo Anderson acredita que todos devem ter uma espécie de válvula de escape. "Não dá para ficar só no ambiente de trabalho, isso é estressante. Acho que as pessoas devem procurar outras atividades para não cair na rotina", imagina ele.

Seus colegas de trabalho são fãs do Triplo 20. "Isso ficou claro durante a elaboração do CD. Estava preocupado com a ilustração da capa, quando meu colega Hélio Luz, que é artista plástico, se ofereceu para ajudar. Ele fez a arte, achei muito boa. Fiquei feliz com essa ajuda."

Paulo conta que decidiu ser agente de segurança do Judiciário para se manter e manter a banda: "Os equipamentos são caros, não dá para se sustentar com música. Conheço muitos músicos que encaram uma dupla jornada de trabalho para conseguir pagar as contas." Mas a música tem outra função na vida desse agente de segurança: "Quando toco, me sinto mais leve e tranquilo. Isso reflete positivamente no meu trabalho."

Paulo concluirá o curso de Filosofia, na Universidade de Brasília, ainda este ano. Ele diz que a curiosidade e a paixão pela ciência surgiram por influência da música. "Eu também sou compositor; para melhorar meus textos, leio muitos livros e letras de música. Muitas falam sobre filosofia mesmo, e daí nasceu a vontade de aprofundar os estudos e compreender melhor essa ciência."

**Grupo Triplo 20: da esquerda da direita, Werner Bob Sheldon, Victor Tozetti, Henrique Lerbach e Anderson Lerbach**



ARTHUR MONTEIRO

# Um pedido de socorro

*PEC propõe que cerrado seja patrimônio nacional. Se a devastação atual não for contida, esse bioma pode desaparecer até 2030*



**Manifestação no Congresso:**  
pela aprovação da PEC 115/95

A Constituição Federal de 1988 não reconhece o cerrado como patrimônio nacional. Não há nada que indique discriminação dos autores da Carta com a vegetação, que é a segunda maior formação vegetal do Brasil. Mas o aspecto exótico, as árvores retorcidas e a ausência de folhas no período da seca certamente contribuíram com o estigma de que não é importante preservá-lo. Era uma cultura antiga, que aos poucos começa a ser desmontada.

Há mais de doze anos, organizações não-governamentais e setores do gover-

no se unem para garantir a preservação do cerrado, que ocupa 24% do território nacional (cerca de dois milhões de metros quadrados). Estudos recentes indicam que restam 61,2% desse total, no Planalto Central e no Nordeste.

A pressão para a preservação do cerrado tem provocado efeitos práticos. Em 1995, o deputado Pedro Wilson (PT/GO) apresentou a Proposta de Emenda Constitucional nº 115/95, para incluir o cerrado e a caatinga entre os biomas considerados patrimônio nacional. Durante esses

doze anos, a PEC 115/95 ficou praticamente parada. Em meados de setembro, o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, afirmou que a PEC do Cerrado, como é chamada, está pronta para deliberação do Plenário e é considerada uma das prioridades de votação da Casa até o fim do ano.

A matéria, entretanto, enfrenta resistências. Alguns parlamentares da bancada ruralista são contra. O deputado Valdir Colatto (PMDB-SC), por exemplo, teme restrições à agropecuária e defende um estudo mais aprofundado sobre o tema.

# Viva o cerrado vivo

No dia 11 de setembro, Dia do Cerrado, integrantes de ONGs de defesa do meio ambiente fizeram uma manifestação em frente ao prédio do Congresso Nacional para cobrar a aprovação da PEC 115/95. A bióloga Renata Nunes, que participou do encontro, ressaltou a necessidade de preservação do bioma. "É preciso proteger o cerrado. A vegetação é diferente, mas é muito rica e precisa ser preservada", afirmou.

Integrante do Movimento Viva Cerrado, Paulo Fiúza disse que o ritmo de devastação desse bioma é três vezes maior que o da Amazônia. "Estamos no Planalto Central, e a água que nasce aqui vai abastecer a Floresta Amazônica, o rio São Francisco, o Pantanal. Temos um impacto em quase todos os biomas, porque o cerrado é um elo entre eles", destacou.

O Instituto Brasília Ambiental (Ibram) também organizou um evento para celebrar o Dia do Cerrado, o *Viva O Cerrado Vivo*, nos dias 10, 11 e 12 de setembro, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. O Ibram lançou o material educativo *Projeto Múltiplos em Educação Ambiental* e promoveu a mostra de filmes do Festival Internacional do Cinema Ambiental (Fica), produzido anualmente pelo governo do estado de Goiás. Também houve a exposição *Artistas do Cerrado*.

A diretora de Educação Ambiental e Difusão de Tecnologias do Ibram, Maria Beatriz Maury, destacou a importância de conscientizar a população para a preservação do bioma. Para isso, foram distribu-

ídos materiais informativos para professores da rede pública de ensino. "As crianças já começam a ter consciência da importância de preservar o meio ambiente. Também distribuimos cartilhas para alunos das escolas públicas", destacou.

**Falta legislação** — A falta de legislação atrapalha a preservação do cerrado. O único artigo da Constituição que fala sobre o meio ambiente, o art. 225, diz que todos têm direito "ao meio ambiente ecologicamente equilibrado" e que é dever do poder público e da coletividade defendê-lo e preservá-lo. No entanto, o parágrafo 4º do art. 225 estabelece que "a Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais". O cerrado e a caatinga ficaram de fora.

Um levantamento do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) afirma que a produção de soja em Roraima, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Maranhão, Goiás, Minas, Bahia e Piauí está devastando a flora e a fauna nativas dos cerrados e as plantações de agricultores familiares. O bioma do cerrado é um dos que mais sofrem com o desmatamento ilegal. De acordo com estudos recentes, se o atual ritmo de devastação não for contido o cerrado poderá desaparecer até 2030.



ANDERSON BRASIL

## Flora rica

O cerrado é a segunda maior formação vegetal brasileira depois da Amazônia. Sua flora é considerada a mais rica entre as savanas do mundo, com mais de seis mil espécies catalogadas. Seis das oito grandes bacias hidrográficas brasileiras têm nascentes no cerrado, entre elas a Amazônica e a do rio São Francisco. O cerrado concentra nada menos que um terço da biodiversidade nacional e 5% da flora e da fauna do mundo.

(Fonte: Embrapa)



# Livros livres

*Único no mundo, o projeto Parada Cultural coloca bibliotecas nos 35 pontos de ônibus da W3 norte*

Luiz Amorim chegou em Brasília em 1973, aos sete anos de idade. Veio de Salvador com a mãe e os cinco irmãos. “Éramos retirantes. Dos sete aos doze anos trabalhei em subempregos. Fui engraxate, vendedor de picolé, essas coisas”, conta. Aos treze anos começou a trabalhar num açougue na 312 norte – do qual, uma década e meia depois, ele se tornaria dono.

Só essa trajetória bem-sucedida basta para tornar incomum a sua história. Mas isso não é nada. Sua primeira providência ao comprar a loja foi colocar ali uma estante com dez livros. Assim nasceu o Açougue Cultural T-Bone, em 1994. Em pouco tempo, os dez volumes se transformaram em dez mil. Em 2002 Luiz inaugurou a biblioteca comunitária T-Bone, na 712/713 norte, com 45 mil livros, emprestados sem burocracia a qualquer pessoa.

Luiz conta que só aprendeu a ler aos dezesseis anos. O primeiro livro “de verdade” ele leu aos dezito. Aí, não parou mais. Como morava nos fundos do açougue e não tinha aonde ir, à noite ele fechava a loja e lia – ou melhor, devorava

– de dez a quinze livros por mês.

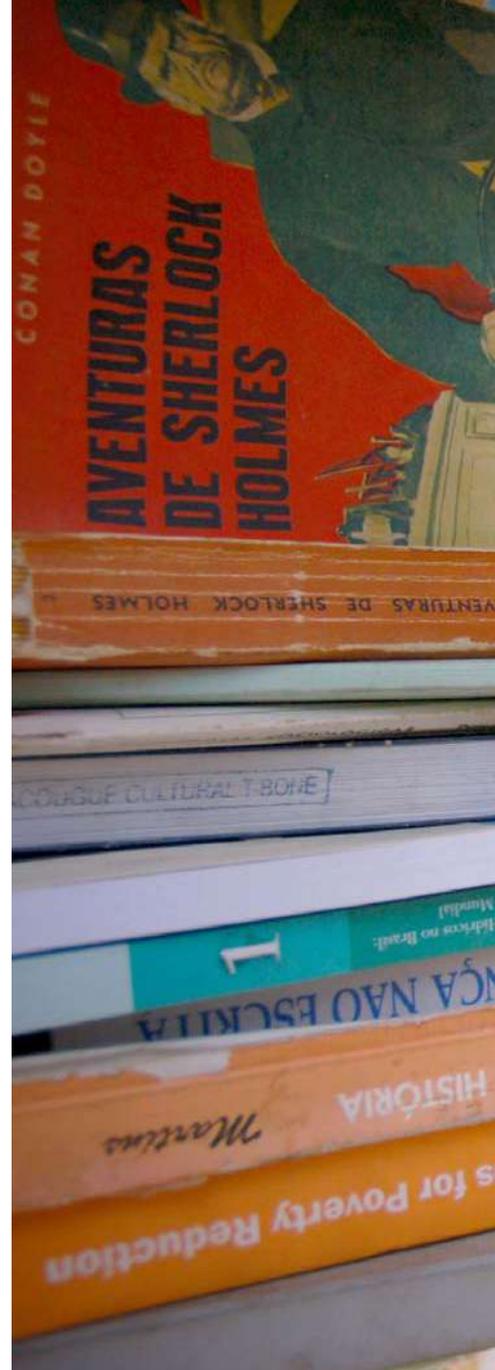
“O Brasil não é um país que não lê. É um país onde o livro é caro e onde quase não existem bibliotecas”, queixa-se Luiz. Ele montou a sua biblioteca, mas não ficou satisfeito. Queria os

livros ainda mais perto das pessoas. Dessa necessidade nasceu, em junho de 2007, um projeto surpreendente: as paradas culturais. Os livros migraram para estantes instaladas nas paradas de ônibus da W3 norte. Em um ano, todas as 35 paradas ganharam sua biblioteca, com cerca de 600 livros cada.

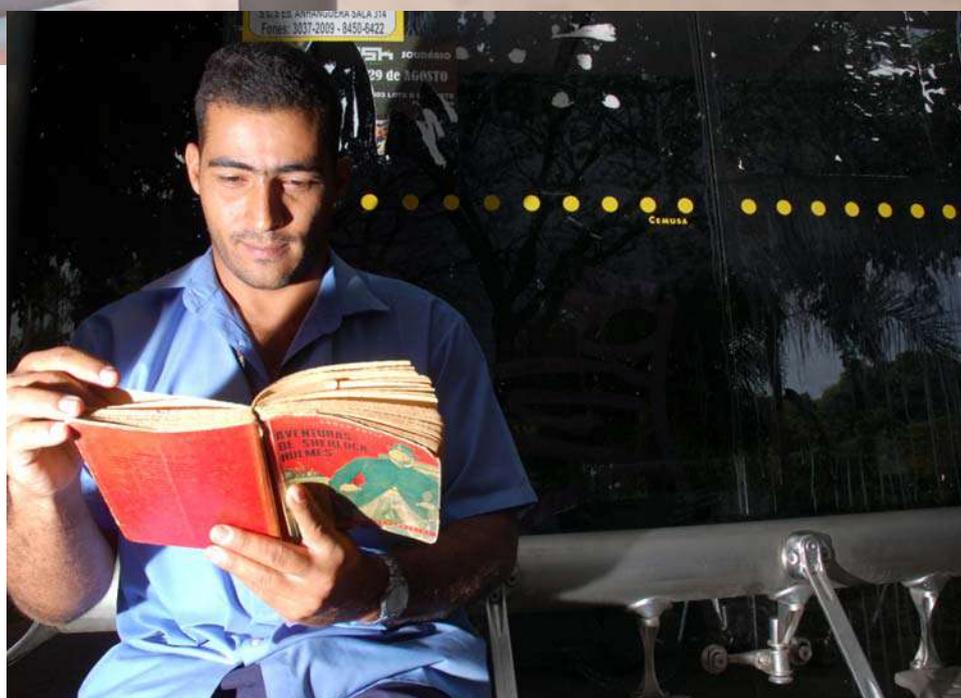
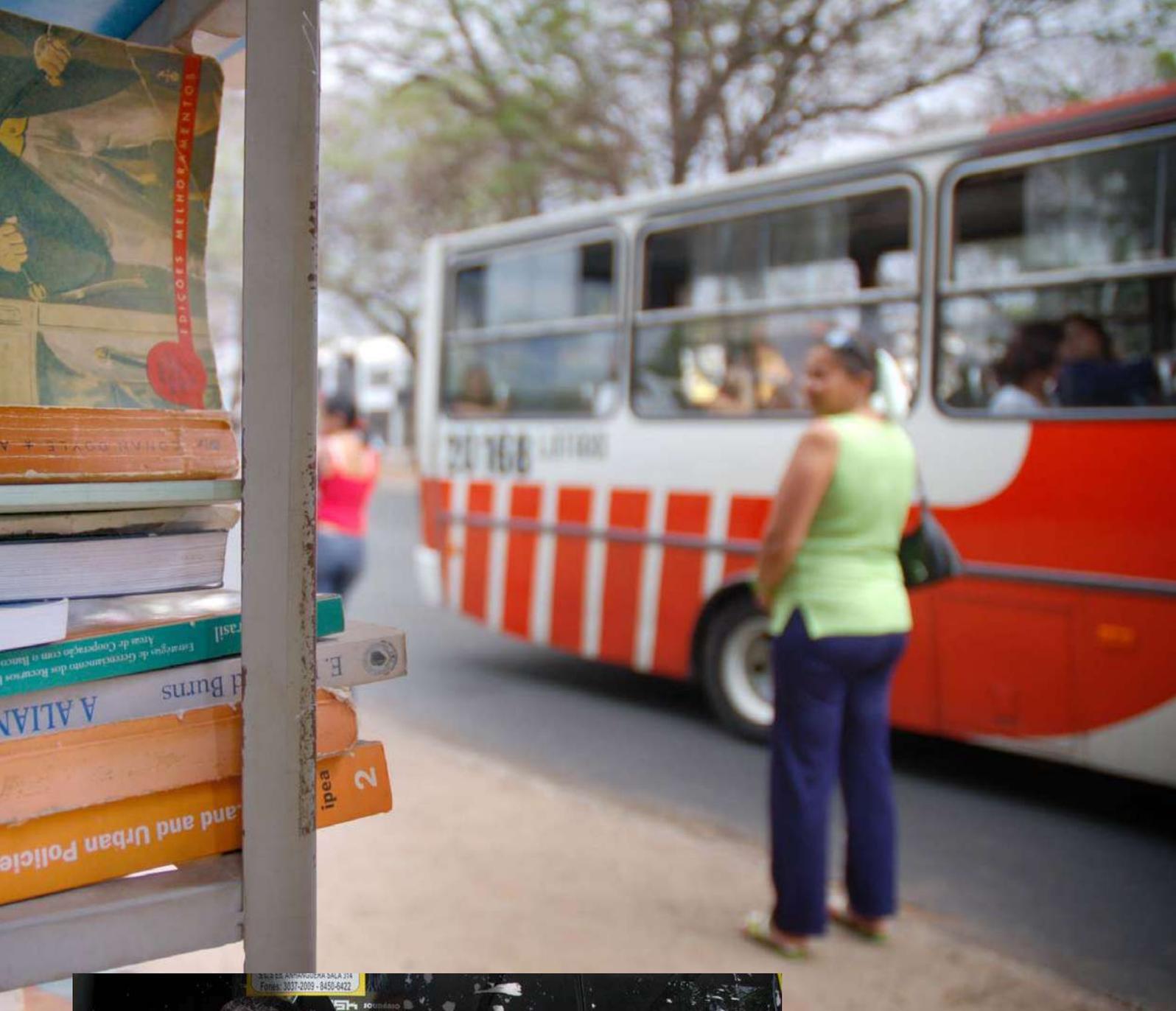
Qualquer pessoa pode pegar um volume e levar para casa. Ninguém toma conta. E os livros não somem; ao contrário, só aparecem. “Mesmo sem campanhas de doação, estão sempre chegando livros. As pessoas trazem para o açougue ou deixam nas paradas de ônibus”, conta Luiz.



**Luiz Amorim na porta do seu Açougue Cultural: “A leitura transforma o homem num ser livre. O livro nos põe em contato com o que há de melhor no pensamento mundial. É o livro que leva o homem ao questionamento.”**



ARTHUR MONTEIRO



ARTHUR MONTEIRO

“Adoro ler. Quando tinha tempo, visitava a biblioteca da UnB. Toda semana um ônibus quebra, e tenho que esperar pelo reboque. Desde que as bibliotecas apareceram, passo o meu tempo com boas leituras. Um dia fiquei das 19h às 24h lendo em uma parada, enquanto esperava um mecânico. Adorei a iniciativa do T-Bone, mas acho que o projeto deve ser ampliado. Sinto falta dos livros na L2 e no Eixinho.”

**Kleber Bezerra Dantas,**  
motorista

# Sem roubo, sem vandalismo

Para a assessora de imprensa da ONG T-Bone, Francisca Azevedo, a Parada Cultural é “um projeto já consolidado, em termos de intervenção urbana. Todos os dias emprestamos cerca de dois mil livros.” O cálculo é de um formando em Biblioteconomia da UnB, João Henrick Macêdo, que em julho fez uma monografia sobre o assunto. “Ele entrevistou os usuários e concluiu que 88% devolvem os livros; 8% devolvem eventualmente e 4% não devolvem”, diz Francisca. “Um dado curioso é os 4% que não devolvem emprestam os livros para outras pessoas lerem, desempenhando um papel de multiplicadores e levando o projeto além dos seus limites”, afirma ela.

A experiência de Luiz Amorim confirma essa idéia. Ele

faz questão de limpar e arrumar pessoalmente as estantes nas paradas de ônibus, todas as segundas, quartas e sextas. “Há pouco um rapaz encontrou um livro que procurava há muito tempo, e não devolveu. Ele doou trinta livros, não devolveu aquele, mas fez questão de vir me contar, para não ficar com a consciência pesada”, diverte-se Luiz.

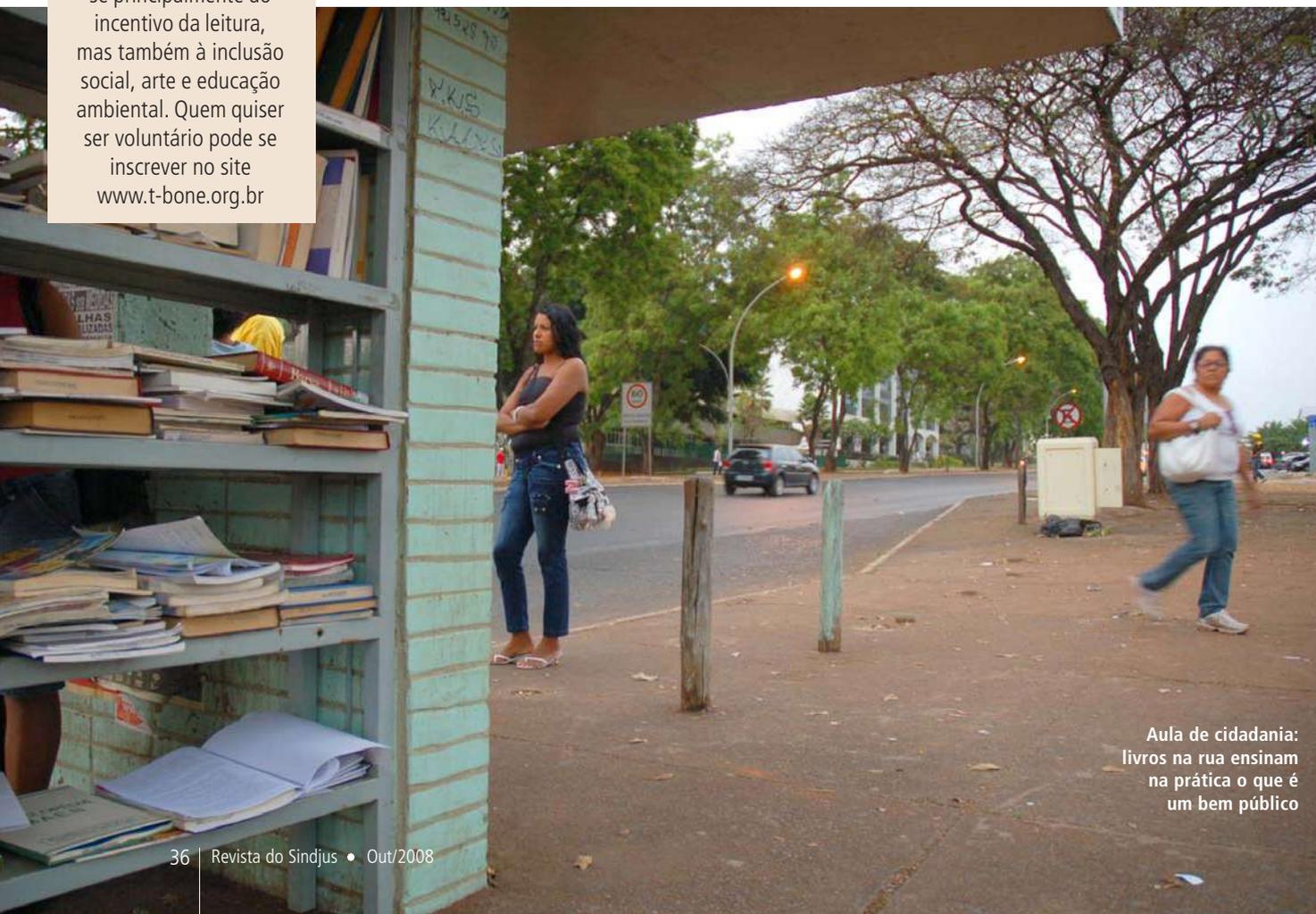
A presença dos livros na rua está ensinando ao brasileiro, na prática, o que é um bem público. “Essas bibliotecas são um elemento de discussão da cidadania”, acredita Luiz. Uma discussão que imediatamente rendeu frutos: não há roubo nem vandalismo; há quem vá às paradas só para arrumar as estantes, espontaneamente; e, segundo contam os usuários, as pessoas até pararam de urinar nas paradas, em respeito à presença dos livros.

Com a simplicidade característica das idéias geniais e com o carinhoso acolhimento dos usuários, as paradas culturais emocionaram intelectuais, escritores, educadores. Saíram nos principais jornais, revistas e TVs do país. A repercussão pode ser conferida no site da ONG ([www.t-bone.org.br](http://www.t-bone.org.br)) e no blog ([www.t-bone.org.br/blog](http://www.t-bone.org.br/blog)).

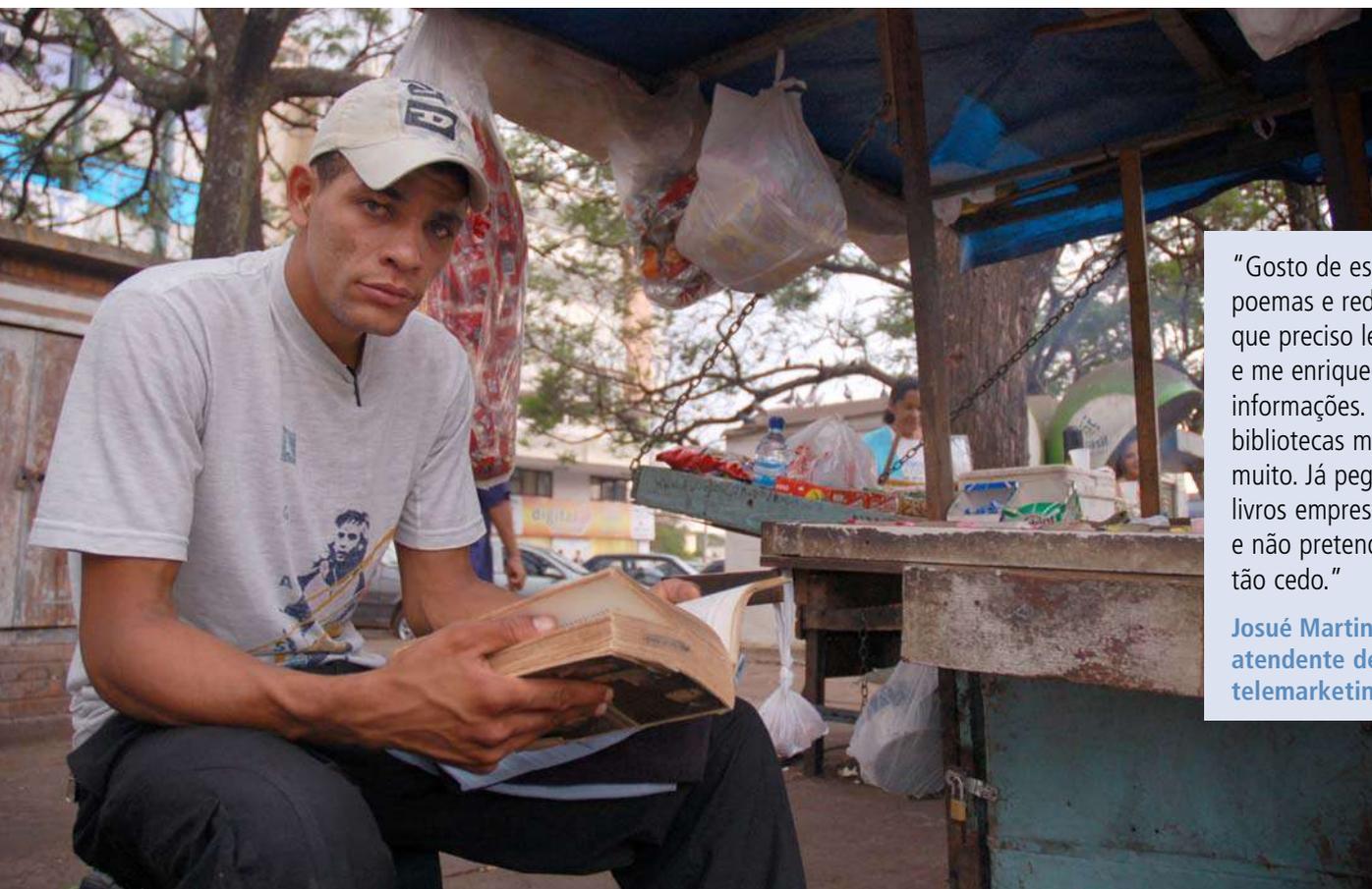
Luiz Amorim, entretanto, rejeita os louros: “Eu não inventei nada. Não inventei o livro, não inventei as paradas de ônibus. Só fui lá e fiz. Todo mundo pode ser criativo, é só colocar as idéias em prática.” Para ele, todo conhecimento tem que ser transformado em realidade: “Goethe disse que a missão do homem é combater a mediocridade no dia-a-dia, e é nisso que eu acredito. A maior crítica que você pode oferecer ao Estado é fazer, não é falar.”

## Voluntários

A ONG T-Bone dedica-se principalmente ao incentivo da leitura, mas também à inclusão social, arte e educação ambiental. Quem quiser ser voluntário pode se inscrever no site [www.t-bone.org.br](http://www.t-bone.org.br)



Aula de cidadania: livros na rua ensinam na prática o que é um bem público



"Gosto de escrever poemas e redações. Sei que preciso ler bastante e me enriquecer com informações. Essas bibliotecas me ajudam muito. Já peguei seis livros emprestados e não pretendo parar tão cedo."

**Josué Martins,**  
atendente de telemarketing

FOTOS: ARTHUR MONTEIRO



"Procurei um livro de português para estudar para uma prova e encontrei aqui. Fiquei muito feliz. Acho esse projeto maravilhoso, não parei mais de pegar livros emprestados."

**Renato José da Silva,**  
15 anos, vendedor



Alceu Valença: rua lotada na noite de 25 de setembro, mesmo debaixo de chuva

ARTHUR MONTEIRO

# Dez anos de noites culturais

Mas nem só de livros (ou de carne) vive o Açougue Cultural T-Bone. Transformado em ONG, para abarcar as crescentes idéias e colaborações, o projeto abre espaço para diferentes faces da cultura brasiliense e brasileira.

Em 2008 comemoram-se os dez anos do projeto Noite Cultural T-Bone. Desde 1998, mais de 150 mil pessoas já passaram pela entrequadra norte 312/13. Os artistas participantes foram mais de quinhentos; nomes como Moraes Moreira, Chico César, Guilherme Arantes, Célia Porto, Tom Zé, João Donato, Flávio Venturine, Geraldo Azevedo, Jorge Mautner, Nelson Jacobina,

Fernando e Osmair, Geraldo Azevedo, Belchior, Erasmo Carlos, Alceu Valença.

A Noite Cultural T-Bone é uma referência em Brasília; faz, inclusive, parte do calendário cultural oficial do DF. Durante o evento, que acontece duas vezes por ano, a rua é fechada aos carros e aberta a um público de aproximadamente oito mil pessoas. "É uma noite única, integra pessoas de todas as classes sociais, de todas as idades. Sempre é muito tranqüilo, muito sossegado, uma verdadeira celebração da arte", orgulha-se Luiz.

Sete vezes por ano o T-Bone promove o Encontro com os Escritores, um bate-papo para troca de idéias entre um escritor de reconhecimento nacional e outro da cidade. O encontro, que está na 19ª edição, reúne um público de aproximadamente 200 pessoas. Já passaram por lá nomes como Ziraldo, Marina Colassanti, Donald Schiller, Dad Squarisi, Nicolas Behr, Afonso Romano de Sant'Anna, Moacir Scliar "e escritores fantásticos de Brasília, que colaboram com o nosso projeto", conta Luiz.

## Parceria

Em agosto o Sindjus tornou-se parceiro da ONG T-Bone, no jornal Parada Cultural, distribuído nos pontos de ônibus. O Sindicato contribui com dicas sobre os direitos do cidadão. "A informação é a melhor arma na luta por nossos direitos", afirma o coordenador geral do Sindicato, Roberto Policarpo.

## Arte e inclusão

Aos sábados, a ONG T-Bone promove os projetos *Brincando com Arte e Sede de Leitura* (este último faz parte do *Prazer em Ler*, do Instituto C&A). As iniciativas atendem sessenta jovens de sete a catorze anos, divididos em três turmas, com um encontro semanal cada, na Cidade Estrutural. O objetivo é aproximar as crianças da literatura. "É um trabalho de inclusão social por meio da arte e da educação ambiental, voltado para crianças e adolescentes", explica a assessora de imprensa Francisca Azevedo.

# Quer um novo Plano de Carreira?

## FILIE-SE AO SINDJUS!

Ao me filiar, minha qualidade de vida mudou. Além dos ganhos com os PCS, ganhei mais saúde, motivação e amigos. E tudo isso por causa do nosso clube, o Cefis, onde pratico vôlei todos os domingos. Venha para o Cefis também.

**Neuza Maria Campos Santos**  
TST



**SINDJUS**

CAMPANHA DE FILIAÇÃO 2008

# Quer um novo Plano de Carreira?



## **FILIE-SE AO SINDJUS!**

Muitos podem se beneficiar com o Plano de Carreira. Mas só os associados do Sindjus terão suas reivindicações inteiramente contempladas. Isso porque são os filiados que constroem o Plano. Participe dessa construção e filie-se!

**Márcio Melo**  
TJDFT



**SINDJUS**

CAMPANHA DE FILIAÇÃO 2008